



SEBASTIÃO GONÇALVES DIAS

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO. DESAFIOS TEÓRICOS,
METODOLÓGICOS E DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA A ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL**

Marabá - PA

2019

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

SEBASTIÃO GONÇALVES DIAS

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO: DESAFIOS TEÓRICOS,
METODOLÓGICOS E DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA A ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação PROFLETRAS da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras, sob a orientação do Professor Doutor Gilson Penalva.

Marabá - PA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO: DESAFIOS TEÓRICOS,
METODOLÓGICOS E DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA A ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL**

Prof.: Dr. Gilson Penalva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof.: Hiran de Moura Possas

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof.: Dr. Gilmar Bueno Santos

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Dedicatória

À minha mãe Maria Gonçalves de Jesus (in memoriam), a mulher mais forte em que já conheci, de pele morena, olhos castanhos e cabelos longos e escuros, com um olhar sempre firme em direção ao futuro, que batalhou muito para que eu tivesse acesso a educação, e sempre me incentivou-me desde cedo, não parava de dizer de que a educação era o melhor caminho. Semianalfabeta, mas com um letramento incrível, de tudo um pouco se arriscava a palpitar. Ao meu pai Valdivino Gonçalves Dias, homem simples, do campo, toda sua vida dedicada à família, trabalhou duro no campo para que todos os oito filhos tivessem alimentos à mesa. Dedico também esse trabalho a alguém muito importante em minha vida acadêmica, o professor Doutor Gilson Penalva, professor, mestre e amigo, sempre disposto a contribuir, independente de dia, horário ou local, sempre disposto a orientar, uma marco referencial na formação de muitos, para mim, um norte, uma fonte segura de busca e de informações, um porto seguro neste vasto universo de conhecimentos e ideias controversas que é a universidade. Dedico também, a minha família, irmão e irmãs, e por último, ao meu filho, Pedro Emanuel Ramalho Gonçalves Dias. E acima de tudo, à Deus, sem ele, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato nobre de reconhecer a contribuição de alguém em nossas vidas, de pessoas que passaram por nossos caminhos e de certa forma se “esbarraram” em nós, sentaram a nossa mesa, dividiu por muitas vezes os mesmos espaços conosco, seus pés trilharam caminhos que uma dia cruzaram com nossos e nesse interstício, de alguma forma contribuíram em nossas vidas, alguns em um grau mais elevado, outros, de maneira mais sutil, mas que não deixaram de serem importantes. desejo expressar primeiramente minha gratidão a Deus por ter me dado forças e permitido chegar até aqui. De maneira especial, minha família, base essencial para todo e qualquer desafio em que disponho-me a enfrentar.

Tenho um prazer em particular em reconhecer a influência crucial vinda da mente brilhante do professor doutor Gilson Penalva, bem mais que um professor, um mestre, amigo e mentor, que forneceu um terreno crítico e um projeto intelectual. Enfim, agradecer aos demais professores que passaram por essa turma, professora Áustria Brito, Gilmar Bueno, Paulo da Silva Lima e demais professores que deram sua contribuição para o êxito do curso.

Embora nossas vidas sejam agora vividas em lugares diferentes, meus colegas de curso foram do mais relevante apoio, a boa vontade de cada um em contribuir nas horas de dificuldades foi imensamente louvável, de modo especial aos amigos, Francisco Frazão, Alex Montel, Marleno Chaves Menezes, Maria Claudiana, Maria Costa e a todos os outros que fizeram parte comigo desta jornada, foram autênticos companheiros. Cada um ficará reservadamente guardado na memória, mesmo que o tempo passe, e passa rápido, ficará resquícios de momentos que nem mesmo a estação mais longa apagará.

“Não há então como estabelecer um significado último nem uma referência definitiva na realidade, pois o literário opera por significações e referências parciais e mediadas para com o real. A essência da literatura é mesmo em não ter essência alguma, restaurando e deslocando, a pergunta metafísica “o que é?” em proveito de um espaço a qualquer ontologia”.

Jacques Derrida

RESUMO

A proposta deste trabalho é discutir, a partir de uma intervenção didático-pedagógico a formação cultural e literária do aluno de ensino fundamental. Abordou-se conceitos fundamentais de linguagem, identidade cultural na/da Amazônia, letramento cultural e ensino de leitura literária em sala de aula. Procurou-se averiguar a importância da prática de leitura e do ensino de literatura e a contribuição na formação cultural e social do sujeito envolvido em processos de aprendizagem. O projeto de intervenção foi desenvolvido no município de Jacundá localizada no sudeste do Pará. Os autores, cujos textos literários foram selecionados são oriundos, em sua maioria da região amazônica. Para o projeto de intervenção, utilizou-se métodos de investigação, intervenção e análise de dados. A análise foi realizada com base nas informações coletadas nos questionários e através de observação direta em sala de aula. A execução do projeto contribuiu para discutir e analisar metodologias capazes de problematizar o lugar da cultura, da leitura e do ensino de literatura na sala de aula. As bases teóricas para o projeto foram dialogadas com autores dos Estudos Culturais e pós-coloniais que propõem o desafio de analisar a diferença e a diversidade cultural, as fronteiras móveis e as identidades entrecortadas. Pensando na formação do leitor literário no ensino de literatura, apoiamos-nos em autores que discutem o letramento literário e a importância da literatura na formação humana. Estamos pensando nas bordas, nas fronteiras móveis, nas misturas de culturas, capazes de problematizar modelos prontos de ensino, as formas padronizadas. O princípio é, o que entendo como cultura, pode não ser visto pelo outro, que se encontra numa posição de além da fronteira. Considerar a supremacia de uma cultura em detrimento de outra, pode resultar da imposição daqueles que se declararam superiores, resquícios de uma cultura colonialista, onde a primazia é pela cultura elitizada, o cânone e as formas estéticas européias. O ensino de literatura, de modo especial nas amazônias, não pode estar aprisionado a padrões e modelos impostos baseados em uma cultura homogênea. Sendo assim, faz-se necessário pensarmos em novas práticas, novas estratégias de ensino baseadas em elementos sociais e culturais, assim como na diversidade cultural amazônica.

Palavras-chaves: Amazônia. Diversidade Cultural. literatura. Formação. práticas literárias.

ABSTRACT

The proposal of this master's thesis aims to discuss, from a didactic-pedagogical intervention, the cultural and literary formation in the elementary school. Fundamental concepts of language, cultural identity in the Amazon, cultural literacy and teaching of literary reading in the classroom were discussed. We wanted to argue about the importance of the practice of reading, teaching of literature and their contribution in the cultural and social formation of the subject involved in learning processes. The project of intervention was developed in the municipality of Jacundá, located in the southeast of Pará. The authors, whose literary texts were selected, are mostly from the Amazon region. For the intervention project, methods of investigation, intervention and data analysis were used. The analysis was performed based on the information collected in the questionnaires and through direct observation in the classroom. The execution of the project contributed to discuss and analyze methodologies capable of problematizing the real importance of culture, reading and literary teaching in the classroom. The theoretical bases for the project were linked to Cultural and Postcolonial Works that propose the challenge of analyzing the difference and cultural diversity, the moving frontiers and the intersecting identities. Thinking about the literacy formation of the reader in literature teaching, we rely on authors who discuss literary literacy and the importance of literature in human formation. We are thinking on the edges, the moving frontiers, the mixing of cultures, able to check ready-made models of teaching, the standard forms. The principle is, what is understood as culture, may not be seen by anyone else that is on a position beyond the frontier. Exalting the supremacy of one culture above another, can result from the imposition of those who have declared themselves superior, remnants of a colonialist culture, where the primacy is made by the elitized culture, the canon made from European aesthetic forms. The teaching of literature, especially in the Amazon, can not be imprisoned by imposed patterns and models based on a homogeneous culture. Therefore, it is necessary to think about new practices, new teaching strategies, based on social practices, as well as on the Amazon cultural diversity.

Keywords: Amazon. Cultural diversity. Literature teaching. Formation. Identities.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	11
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 2	21
2. PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	21
2.1 Formação cultural e literária de aluno de ensino fundamental	22
2.2 Discurso, identidade e cultura nas Amazônias	28
2.3 Reflexos indesejáveis da identidade: o ser da Amazônia	29
2.4 Discutindo cultura e identidade na escola	34
2.5 A formação de novos leitores e novas práticas de leituras	35
2.6 Limitações e avanços no ensino de literatura em ambientes escolares	38
CAPÍTULO 3	43
3. CONCEPÇÕES DO ENSINO DE LITERATURA	43
3.1 A Formação do leitor literário	44
3.2 A importância da formação cultural e literária	46
4. REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA E O PROJETO DE INTERVENÇÃO	52
4.1 A escolha das obras: Qual literatura ensinar?	53
4.2 Objetivos do projeto de intervenção: apresentação e discussão dos resultados	54
4.3 Perguntas orientadoras	54
4.4 Projeto de intervenção: apresentação, reflexão e avaliação	57
4.5 Práticas metodológicas de leituras em sala de aula	60
4.6 Aspectos didáticos e metodológicos do projeto de intervenção	61
4.6.1 Oficinas de leituras	62
4.6.2 Roda de leituras compartilhadas	63
4.6.3 Leituras de contos	65
4.7 Reflexões sobre a intervenção	67
4.8 Considerações finais	70
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICES	77
ANEXOS	81

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Esta dissertação propôs estudar a prática de leitura literária como objeto de formação cultural do aluno de ensino fundamental, discutindo conceitos de linguagem, identidade e a prática de letramento literário e sociocultural da Amazônia Oriental Brasileira, a partir de um projeto de intervenção realizado em sala de aula com alunos de 9º ano. A proposta é averiguar a função do sujeito e do discurso internalizado e externalizado por ele. Assim como, a importância da prática de leitura e do ensino de literatura e sua contribuição na formação social e cultural do sujeito-aluno na escola de ensino fundamental. A reflexão sobre leitura e literatura foi discutida durante a execução do projeto de intervenção de caráter didático-metodológico no município de Jacundá, localizado no Sudeste do Pará. Os autores focalizados no projetos, foram prioritariamente da Amazônia.

O projeto de intervenção objetivou uma discussão metodológica sobre o lugar da cultura, da leitura e da literatura na escola. Discutir cultura e literatura no âmbito escolar, provoca reflexões sobre alguns pontos relevantes a respeito do lugar social do outro, da pluralidade cultural e da diversidade. Teoricamente, estamos afinados com teorias dos estudos culturais, pós-coloniais, sobretudo com leituras de Homi K. Bhabha (2014), Antoine Compagnon (2014), Michel de Certeau (2014), Marjorie Perloff (2013), Franz Fanon, Walter Benjamin (1994), Antônio Candido(1995), Tzvetan Todorov(2017), entre outros que propõe o desafio de pensar a diferença e a diversidade cultural. A ideia é o que entendo por cultura, pode não ser visto pelo outro que está além de uma imagem fronteiriça criada por, de certa forma imposta, por aqueles que acreditavam ser detentores do conhecimento, por uma cultura colonialista e elitista. Estamos pensando nas bordas, nas fronteiras móveis, nas misturas capazes de problematizar o modelo, as formas padronizadas.

Percebe-se que “o ensino de literatura e a prática de leitura literária no ensino de escolas públicas, sobretudo no ensino fundamental, tem recebido pouca relevância no Brasil, o que afeta consideravelmente o desempenho do aluno no ensino médio, e até mesmo na universidade” (SILVA, 2014. p.82)”. Outro ponto que podemos considerar como mais um agravante, é que somente nos anos finais do ensino médio, há uma pequena relevância para leitura e a literatura, inserindo-a na matriz curricular. Nos anos anteriores (1º e 2º), assim como

no ensino fundamental (6º ao 9º), a literatura, às vezes, apenas complementa a matriz de Língua Portuguesa.

Para formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se defrontam é necessário organizar o trabalho educativo. É preciso que a escola proporcione experiência, colocar os alunos em contato com a literatura, com o universo literário, perceber que há um outro mundo próximo dele que precisa ser explorado e confrontado com a realidade, reconhecer o seu espaço nos espaços descritos nos livros, ou seja, o sujeito precisa encontrar-se com o mundo literário, esse é o primeiro passo na formação cultural e social, crítico e politizado. A contribuição da literatura na formação de cidadãos críticos e solidários é percebida num dado momento em que vemos homens e mulheres identificando-se como sujeitos de sua própria história, constituindo-se autores de sua cultura, mesmo que muitas vezes influenciados pela cultura do Outro.

Constatamos através de pesquisa, conversas e entrevistas, de que há uma carência considerável de leitura e literatura no cotidiano dos alunos, e também em sala de aula, uma vez que esses não possuem o hábito da leitura, já que recebem poucos incentivos e condições para a leitura, reflexão e a interpretação literária. A escola obtido pouco êxito no desafio de mudar essa realidade. A falta de leitura e de atividades literárias na vida do sujeito integrante de um grupo social deixa lacunas gigantescas no seu processo de formação, como aluno, enquanto cidadão ativo na sociedade. Os entraves prejudicam consideravelmente as habilidades de percepção, não desenvolve senso crítico, em decorrência disso compromete a visão reflexiva sobre o mundo que o cerca. Todorov (1939) propõe que o “texto literário deve restabelecer o equilíbrio entre as contribuições do Formalismo-estruturalismo e as conexões com o mundo real e com a vida contemporânea, de forma que isso tenha efeitos na formação do professor e do aluno” (TODOROV, 1939, p. 11). O autor sugere que a literatura volte a ocupar um lugar de destaque na educação e na vida social do sujeito, saía da margem e volte para o centro.

Sabemos que desde os tempos antigos a leitura e a literatura têm influenciado relevantemente a sociedade, grupos sociais e indivíduos nela inseridos (POUND,1939). Tem sido um forte instrumento de formação e transformação de pessoas em sujeitos socialmente críticos. Desde a idade antiga a literatura vem desenvolvendo um relevante papel na formação humana, fortalecendo a capacidade de refletir sobre o presente e conhecer o passado, a cultura, costumes, a história, a sociedade e acima de tudo a busca por uma verdade que consiste em discutir as relações interpessoais. “A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo uma

sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CÂNDIDO, 1981, p.23) .

Sob a hipótese colocada por Cândido, logo abaixo, podemos perceber que a literatura age de acordo com seu tempo, sua época, estabelecendo certa influência sobre a sociedade de então. A literatura é sem dúvida umas das mais importantes ferramentas de transformação social, associada a outras leituras, falamos de literatura no sentido mais amplo da palavra. Por exemplo,

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CÂNDIDO, 1995, p.176).

Sob a hipótese desse olhar sobre a literatura, podemos tomar como referência a literatura como arte literária, como arte da palavra, como manifestação cultural, aquela que redefine, recria a realidade e desta maneira, pode agir fortemente na vida do ser humano, transformando-o em ser mais sujeito de suas ações, menos passivo e mais interativo. “A literatura, como manifestação artística, tem por finalidade recriar a realidade a partir da visão de determinado autor (o artista), com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas” (EZRA POUND, 2000, p.55).

O que difere a literatura das outras manifestações culturais é a matéria-prima A palavra que transforma a linguagem utilizada e seus meios de expressão. Porém, não se pode pensar ingenuamente que literatura é um “texto” publicado em um “livro”, porque sabemos que nem todo texto e nem todo livro publicado são de natureza literária (BAKHTIN, 1997).

A leitura e a literatura estiveram presente na vida do homem por meio da escrita e da oralidade, a contribuição é de grande relevância para a formação dos sujeitos partícipes de uma sociedade justa e fraterna, onde tem produzido um grande efeito a respeito da formação identitária de grupos sociais.

Pode-se afirmar, com base em estudos relevantes feitos sobre o assunto, que os alunos das escolas públicas, a maior parte não têm contato sistêmico com bons materiais de leitura, porque a maioria deles vem de famílias que não participam das práticas de leitura, a participação é algo fundamental para o exercício da cidadania. A escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores excelentes e práticas de leituras eficientes.

Bons leitores não são formados apenas de alunos que leem durante as atividades na sala de aula, apenas com o livro didático porque o professor os obrigam, do mesmo modo que não se formam sujeitos críticos que leem qualquer coisa, apenas por ler. É necessário, ofertar-lhes os textos que circulam frequentemente na sociedade, o trabalho com a diversidade textual de textos literários, deve ser a mais importante estratégia didática para a prática de leitura e consequentemente para a leitura literária.

O que tento justificar que aparentemente se difere da proposta inicial, é o fato de que, os nossos alunos, tanto os jovens quanto os adultos não possuem o hábito da leitura, nem as condições necessárias de praticá-la, então antes de qualquer outra coisa é preciso pensar, é preciso organizar para dar início a novas experiências. Conforme o livro *A literatura em Perigo* (TODOROV, 1939) ressalta que aos pouco o texto literário vem perdendo espaço, vem perdendo terreno em sala de aula, não por falta de bons produtores, bons escritores, bons poetas, mas por uma série de fatores que empurram a literatura para a periferia do processo educacional, entre eles a formação do professor de língua portuguesa. O aluno de graduação não está interessado em se aprofundar nos conhecimentos literários, mas sim, em obter um título de professor de língua materna, o que assegurará um futuro como docente. Outra problemática colocada pelo autor, estão desaparecendo os bons leitores, leitores de um bom romance de ficção, odisséia, leitura densa e delicada, os leitores mais jovens têm pressa, leem os resumos das obras, optam por fragmentos, prefere a leitura dos críticos ao invés da leitura da obra. Por esse e muitos outros fatores, que ele afirma, pode-se dizer que a literatura corre perigo.

O ensino de leitura e literatura no ensino fundamental tem sofrido com a falta espaço no currículo atual e nas propostas pedagógicas vigentes, o olhar secundário para disciplinas que visem a formação de leitores está cada vez mais evidente nas propostas curriculares no Brasil. A falta de incentivo à leitura promove uma geração de jovens não leitores, em consequência disso, uma grande quantidade de pessoas que termina o ensino básico, sem base de leitura e por final, uma série de analfabetos funcionais com certificado de ensino fundamental e médio, sem base cultural mínima, capaz de dialogar com o texto, ler e interpretar nas entrelinhas de um texto.

O texto literário tem a capacidade de mostrar outros mundos, outras vidas, seja pela ficção, pela poesia e possui a habilidade de enriquecer a vida, o pensamento, leva o sujeito-leitor a refletir sobre seu papel no mundo e em seu espaço social. Diante de tal pensamento, refletimos, como a literatura pode agir em tudo isso? Para responder a essa indagação,

tomaremos como referência as concepções acerca da Literatura, sob o ponto de vista de uma relação da literatura com a realidade e observando o elemento propriamente figuracional, as maneiras de como os escritores usam para falar do tempo e do espaço social, que nos ajudam a compreender os processos da vida coletiva, o espaço do outro, nesse contexto surge o problema de considerar a obra literária como um relato e como uma imagem da vida social, não deixando de lado o seu valor artístico de como objecto estético e imaginativo, carregado de significâncias próprias, cujo valor perpassa a capacidade de dar apenas respostas concretas e questões pontuais do viver humano. A partir da reflexão de leituras de textos e obras literárias com foco na diferenciação identitária, em perceber os valores intrínsecos em cada leitura, analisar a relação entre Literatura e vida social, refletindo sobre os problemas que apontam para uma redescoberta do imaginário no plano da vida social. Segundo CANDIDO (1995):

este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que servem de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético) (CANDIDO, 1995, p. 5).

A citação acima nos remete a indagação como, “Qual é a influência exercida pelo meio sobre a obra de Arte”? (CANDIDO, 1995, p.18). Isso nos leva a outra indagação “Qual é a influência exercida pela obra de arte sobre o meio social”? Candido (1985), provoca-nos a continuar no campo das indagações acerca do que se pode resumir do seguinte modo; Como Arte literária se comunica com a sociedade? Como a sociedade reage ao falar da obra de Arte?

Por meio do seu modo pessoal de ver o mundo, autores literários recriam a realidade carregada de significação própria, que age sobre o público-leitor e provoca um efeito prático na sua conduta e concepção do mundo, transformando padrões e quebrando estigmas, além de formar grupos e mexer com padrões estéticos e morais. Sociedades que tiveram acesso a obras de arte, em um movimento dialógico, recebe influências da obra e ao mesmo tempo as devolve para o artista, dessa maneira, forma-se um movimento de recíprocas influências.

De acordo com Ezra Pound(2006), podemos dizer que sociologicamente a arte literária se comunica por meio de um sistema simbólico de comunicação inter-humana e, portanto pressupõe a existência de: a pessoa que comunica que no caso é o artista, o autor da obra, o comunicado, que pressupõe a obra em si, um comunicando o público a quem a obra se dirige,

e por final, a ação que a obra causa sobre a sociedade, o efeito, efeito este que se voltam novamente para o autor.

Ao analisar o sistema simbólico, o mais relevante nesse processo é o resultado provocado pelo efeito causado pela obra, momento de construção da identidade cultural dos grupos sociais e dos sujeitos intérpretes. Assim, percebe-se a necessidade de proporcionar esse encontro com o autor e com o mundo literário para colocar o sujeito diante de obras que o provoquem e que o lhem convide a mudanças, mediadas pelo professor e por outros inseridos no processo de transformação identitária.

Conhecer as dificuldades de leitura dos alunos e de modo geral, dos jovens, bem como as limitações que as intuições de ensino enfrentam para produzir leitores e de modo especial leitores no contexto da literatura. A falta de bibliotecas públicas nas escolas, a falta de espaços adequados para as leituras, o número pequeno de acervos disponíveis, entre outras situações contribuem para a ausência de leitores em diversas sociedades.

A iniciativa de oportunizar o acesso a leituras aos que não tiveram acesso, também às outras práticas culturais, pressupõe-se considerar, em inseri-los no contexto de mudanças históricas e culturais, onde esses sujeitos tenham as mesmas garantias de uma sociedade leitora, de modo que permeie o sistema socioeconômico e político cultural da civilização humana. Se quisermos inseri-los nesses contextos, a ferramenta principal deve ser o acesso à leitura, compreender que o homem é produto da condição histórica sofrida com intervenções diretas do espaço social em que está inserido. Assim, o homem deve ser compreendido como um projeto sociopolítico e cultural na visão sartreano do termo, por essa ótica, a necessidade de liberdade é um elemento distinto, completamente intrínseco do próprio humano.

Para superar as perdas históricas sofridas pela política colonial é preciso antes de qualquer coisa, desconstruir séculos de imposição cultural. Trata-se, de criar mecanismos que possibilitem e facilitem a participação e a inserção desses grupos sociais nos processos de decisão de poder, de modo crítico e consciente, para isso, é preciso integrá-lo em espaços onde a literatura possa fazer parte do seu mundo, precisa fazer da emancipação social um projeto de todos e construído com participação, mas antes de tudo, é necessário envolver esses grupos historicamente despolitizados e dominados pela cultura colonialista.

Figura 01: Visão externa da escola



1.1 Literatura, identidade e discursos marginais

A leitura e a Literatura como recriação da realidade, torna-se instrumento de transformação, à medida que começa a romper barreiras impostas pela cultura elitizada e canônica, assim passa ser desenvolvida como elemento cotidiano do sujeito comum, inserido nessa mesma sociedade. Espera-se que o sujeito, ao envolver-se com o mundo da literatura, possa junto com outros, realizar uma prática social comum no espaço comunitário.

Para entender os grupos sociais, é preciso desvendar o cotidiano, considerar o contexto contraditório no qual está inserido, observar suas manifestações e práticas culturais, entender o modo de vida dos envolvidos. É preciso desconstruir modelos identitários tidos como padrão e reconstruir olhares voltado para o respeito às diferenças.

O universo da Literatura deve compreender que essa realidade não é homogênea e nem uniforme, pelo contrário, mascara relações sociais diferenciadas e rejeições. Torna-se necessário retomar o processo histórico, como já disse anteriormente, o de construção e desconstrução do sujeito social e de muitas identidades.

A ideia não consiste em identificar um período ou outro, e sim desconstruir, perceber que a literatura mesmo quando compreendida em sua totalidade sempre se apresenta como algo inacabado e indeterminado. Sabemos muito bem, que um período não se encerra por data ou mesmo por um século, sempre há uma continuidade, embora talvez, seja necessária a organização para efeito sociopolítico.

A literatura como instrumento de transformação é primordial para a formação de sujeitos críticos e participantes de uma construção social em que eles foram historicamente excluídos do direito à cultura, a leitura e a literatura. É preciso restabelecer o espaço do texto literário no espaço escolar, reestruturar as formas de ensino e leitura para retornar a literatura como objeto primordial de formação, e retirá-la das margens para (re)colocá-la em lugar de destaque, onde é o seu lugar por natureza. É urgente a necessidade de rever pontos relevantes no ensino de literatura e leitura em sala de aula, propor um ensino de literatura que revê a apresentação estritamente cronológica e da maior relevância, pelo viés temático, que contraponha a modelos canônicos como um único formato de leitura literária, e que justaponha autores canônicos e não canônicos, obliquidade este, que vai além do modelos convencionais de livros didáticos e teorias que apontam como forma singular de literatura clássicas oferecidas por meio do currículo, interposto nas escolas, deixando de lado toda produção escrita e oral de autores não canônicos, mas que deixam sua contribuição relevante para meio social. Para tanto, a proposta aqui em discussão, consiste em selecionar temas diversificados escolhidos de acordo com a relevância para a realidade da comunidade escolar.

Leituras que promovam diálogos diretos do/com o sujeito-leitor, com o texto e comparativismo entre autores de tempos e espaços diferentes, caso haja necessidade. Colocar autores afro-brasileiros, indígenas, africanos, amazônicos dentro de uma mesma perspectiva de leitura, lado a lado com autores antológicos. A ideia consiste em um exercício comparatista que possibilita múltiplos olhares para o ensino de literatura, abrindo espaço para práticas de leituras, a partir de olhares coletivos desprovidos de preconceitos literários e culturais. Sobretudo, não se pretende deixar de abordar as escolas literárias e suas cronologias, cada uma com suas peculiaridades ideológicas, mas de maneira secundariamente isso pode ocorrer de acordo o tema e suas acepções. O aprofundamento de habilidade de leituras críticas, os espaços para a contestação, o diálogo direto com a leitura deve ser posto em primeiro plano, por meio de debates em sala de aula e momentos reservados a leitura e a promoção do letramento cultural e literário.

Há pouco espaço para a prática de leitura e o ensino de literatura no ensino fundamental e no ensino médio. Isso reflete diretamente na falta de leitura e interpretação que não foram estimulados, quando são, ocorre de maneira superficial, mas a culpa não é do professor, acredito, e sim pela pouca relevância dada ao assunto. Assim, alunos chegam ao ensino médio sem nenhuma afinidade ou muito pouca com a leitura e a literatura.

As limitações que os sujeitos-alunos possuem quando se trata de Literatura e outras práticas culturais relacionadas, demonstra que a Literatura vai além de conceitos, datas e poemas românticos como define o professor Barbosa (2009)

“a Literatura nunca é apenas literatura, o que lemos como Literatura é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia. Há sempre mais que literatura na literatura. No entanto, esses elementos ou níveis de representação da realidade são dados na literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária” (BARBOSA, 2009, p.12).

A partir de Barbosa (2009), percebe-se a grande relevância da leitura e da Literatura norteadora de outras culturas, da qual rompe com suas próprias barreiras adentrando nas demais áreas de conhecimento. A literatura vai além de conteúdos pedagógicos escolásticos e cronológicos, político e social. Ela compreende reflexões sobre os aspectos sócio-interacionais do discurso. O letramento cultural perpassa pelo âmbito da escrita e da leitura, refletir sobre seu modo de ver o mundo e de vida em comunidade, danças, memórias, hábitos e modos de sobrevivências. Todas as culturas são modelos de letramentos culturais, embora com estruturas diferenciadas, indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, comunidades de pescadores, ribeirinhos e várias outras comunidades, com características peculiares, devem ser entendidas como espaços de construção identitária formadas por elementos que os diferenciam dos demais espaços, por viver em fronteiras que limitam com o espaço do Outro. Muitas das culturas são construídas no espaço fronteiro, como afirma o teórico pós-colonial Bhabha (2014) no hibridismo como elemento constituinte da linguagem, e portanto, da representação.

Tomando como deixa a instância subalterna "duplamente inscrita", eu poderia argumentar que é a dobradiça dialética entre a nascimento e a morte do sujeito que precisa ser interrogada. Talvez a acusação de que uma política do sujeito resulte em um apocalipse oca e em si uma realização a sondagem pós-estruturalista da noção de negação progressiva – ou a recusa - no pensamento dialético. O subalterno ou o metonímico não são nem vazios nem cheios, nem parte nem todo. Seus processos compensatórios e vicários de significação são uma instigação a tradução social, a produção de algo mais além, que não é apenas a corte ou lacuna do sujeito, mas também a interseção de lugares e disciplinas sociais. Este hibridismo inaugura 0 projetos de pensamento político defrontando-o continuamente com 0 estratégico e 0 contingente, com 0 pensamento que contrabalança seu pré prio "não-pensamento". Ele tem de negociar suas metas através de um reconhecimento de objetos diferenciais e níveis discursivos articulados não simplesmente como conteúdo, mas em sua interpelaria como formas de sujeitos textuais ou narrativas - sejam estas governamentais, judiciais ou artísticas. Apesar de seus firmes compromissos, a político deve sempre colocar como problema, ou indagação, a prioridade do lugar de onde ele começara, se não quer que sua autoridade se torne autocrática (BHABHA, 2014, p. 114).

No mesmo texto, Homi K. Bhabha chama a atenção para o hibridismo nos processos de construção da linguagem, implica na impossibilidade de descrever esse discurso ou esse sujeito como como autêntico. Desta forma, a representação segundo o autor é híbrida, ou seja, construída sobre a fronteira e possui traços dos dois discursos, construídos sobre as diferenças, e há uma busca pela autenticidade, mas infrutuosa. Reconhecer outras culturas como superior ou inferior, deve ser deixado em aberto. Devemos, pois, reconstruir o nosso pensamento em relação ao pensamento colonialista que sempre se sobrepôs como pensamento dominante na Amazônia, levando-nos a acreditar na supremacia cultural do colonizador em relação ao colonizado. Aos poucos vem sendo desconstruído, sob a luz de teóricos que aceitaram o desafio de discutir sobre diferenças e diversidade cultural na pós-modernidade. Para tanto, podemos entender, que a literatura emerge como uma erva daninha nas frestas do real, não apenas como um divertimento, nem tampouco como um saber especializado. A literatura é um instrumento precário e sutil que serve para interrogar a vida, descolando certezas e transformando em incertezas. Ela nos oferece perguntas ao invés de respostas, em sua grande parte, desagradáveis e nos perturbam por dias, meses, às vezes por anos ou para uma vida inteira. A literatura transforma, muda conceitos, nos faz mergulhar no desassossego das personagens, desta forma, sairá atordoado e transformado que aquele que lê, um outro homem, embora no mesmo corpo, mas jamais com a mesma alma.

2. PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A base norteadora deste trabalho, consiste em investigar e analisar práticas pedagógicas e didáticas-metodológicas que apontem para a urgência de revisão curricular e compartilhem de novas práticas investigativas em sala de aula a partir de um projeto de intervenção de caráter didático-metodológico na escola de ensino fundamental no município de Jacundá localizado no Sudeste do Pará. Com o surgimento de novas vertentes educacionais, as salas de aulas têm se transformado em verdadeiros laboratórios da prática pedagógica e tem nos levado a repensar o ensino de novos caminhos que surgem através da pesquisa-ação, da investigação e da intervenção do professor investigador em sala de aula.

Neste capítulo recorrerei à uma das autoras mais lida no Brasil por jovens e adolescentes que é Ana Maria Machado, a qual, a mesma afirma que, “aceitar que numa sociedade podemos ter gente que nunca vai ter a menor oportunidade de acesso a uma leitura literária é uma forma perversa de compactuamos com a exclusão. Não combina com quem quer ser democrático (MACHADO, 1999, p.5).

Sob esse ponto de vista, é papel do formador e da escola a tarefa de democratizar a cultura e a leitura literária àqueles, que historicamente tiveram seus direitos negados juntos a sociedade. Discutir aqui os motivos que levam a alguns, jamais ter acesso a um bom livro, a um filme, a uma peça teatral entre outros eventos culturais e literários que por séculos vincularam como os únicos modelos de culturas dominantes se torna relevante, uma vez que o acesso a bens culturais sempre foi negado àqueles que fazem parte das camadas mais pobres da sociedade, além de terem seus direitos negados, ainda convivem com os diversos preconceitos culturais, sociais, linguísticos e étnicos-raciais, com isso, grupos inteiros são “deslocados” para as margens das cidades, ou mesmo para fora delas. A estes, restaram apenas a escola, o espaço social e democrático onde as pessoas se interagem e se misturam, dividindo o mesmo espaço, os mesmos sonhos ou as desesperanças que, sob o aspecto desolador do medo de ousar os impeçam de sonhar e ir além e romper com as fronteiras que os separam do olhar de indiferença do pensamento colonialista que perpassa por questões imagéticas e imbricadas na formação identitária do sujeito em formação.

À ideia da literatura enquanto prática discursiva ou processo discursivo, Bhabha (2014) chama a atenção para o terceiro espaço – o ver e o interpretar - o interstício entre o significante e o significado deve ser considerado o contexto social, cultural, histórico e ideológico do usuário da linguagem. “Local de enunciação” (BAKHTIN, 2003, p. 127). A linguagem é uma prática social, que tem sua materialidade na língua e a língua não deve ser vista apenas como um sistema abstrato de formas linguísticas, mas como um processo de enunciação ininterrupta da interação verbal entre sujeitos em um espaço.

No cotidiano da sala de aula é comum ouvirmos a seguinte colocação: “ Eu preciso estudar para ser alguém na vida”, isso foi o que ouviram de pais, avós, e que para ser “alguém” na vida precisava estudar. E as pessoas que não estudaram, que não estudam? Esse conceito de letramento põe em questão as outras formas de aprendizagem e outras formas de letramento, menosprezando as culturas de pessoas que não dominam a escrita e leitura de textos escritos.

Essa visão impregnada está dentro de uma visão colonialista, que só é “gente” quem tinha estudo, e quem tinha acesso a educação eram apenas aqueles que gozavam de capital, os filhos dos senhores da “casa grande”. Para ser visto na sociedade da dominação e do poder econômico, escravagista era preciso ser letrado, não o letramento do saber de mundo, mas o letramento da cultura dominante. Por muitos e muitos anos a escola compactua com a leitura da história contada nos livros do senhor feudal, da literatura canônica, da pedagogia que não respeita as diferenças. Para aqueles que se firmaram nesse discurso, ainda é comum a resistência a outras formas de ver a escola como um campo neutro de possibilidades múltiplas, eficaz na formação cultural e espaço híbrido para formação do sujeito em sua totalidade como integrante de um grupo social.

2.1 Formação cultural e literária de aluno de ensino fundamental

No processo de formação literária e cultural no ensino fundamental, os conceitos modernos de cultura e identidade são discutidos sob a ótica contemporânea, sobrepondo a conceitos arcaicos de cultura, literatura e identidade, visão colonialista que só considera cultura, a produção do Senhor, o branco europeu, única vista e aceita como literatura, que se passava pelo crivo do cânone elitizado e manipulado pela elite dominante. As demais formas de culturas são escritos sem grande relevância para a “ cultura brasileira” e a inserção no rol das grandes obras literárias não é trivial, porque não pertencem ao grupo da elite que dominou por séculos o direito à cultura a literatura e outros meios de acesso à cultura e a educação. Neste

sentido, Stuart Hall (2006, p. 7) chama atenção para as mudanças sociais que subjazem um processo contínuo de formação.

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006. p. 07)

Na Amazônia, mais do que nunca, precisamos desconstruir o conceito elitizado de cultura e de Literatura, sendo considerada uma cultura menor, marginal. Por centenas de anos, os olhares do mundo têm se voltado para a região amazônica devido sua importância de grande área verde, tanto por sua extensão geográfica quanto pela gigantesca biodiversidade e se apresenta como uma das mais importantes florestas do planeta. Tudo isso, nos faz perceber que a Amazônia é de suma importância para os indivíduos que nela habitam e também para todo o planeta. Esse é o grande desafio, entender a Amazônia como um espaço entrecortado de cultura e saberes diversos, plural e híbrido.

Devido a grande importância no cenário mundial, muitos povos como os espanhóis, holandeses, franceses e portugueses vieram na intenção de usufruir de riquezas naturais, entre outros, a história não registrou, provocando assim um grande choque cultural, uma mistura indenitária que somada a cultura local, dos povos indígenas que já habitavam a Amazônia.

Márcio Souza (1997) trata do fluxo de imigrantes oriundos de várias partes do Brasil, sonhando com emprego, terras abundantes e uma possibilidade de vida melhor na região da Amazônia com aclives e declives econômicos. Diante de uma Amazônia em constante transformação de misturas raciais e culturais, Berta Becker (2007) discute sobre o conceito de alteridade, sendo a Amazônia um lugar propício para o desenvolvimento desse conceito.

O objetivo principal da formação cultural do leitor literário é abordar a questão de identidades culturais na Amazônia, de modo que seja visto não apenas por suas belezas naturais, também pelo seu poder de agregar em seu âmago várias culturas distintas. Assim, torna-se adequado a fomentação de estudos para contribuir e ampliar a visão do potencial cultural da Amazônia.

Percebe-se que em meio a este cenário de fronteiras móveis, o homem amazônico está alheio as interferências sofridas com o contato social. A identidade está sempre em processo de mudança e desenvolvimento. Quanto mais contato tivermos com outras culturas, maiores serão

os valores adquiridos. É esse aspecto que torna o hibridismo cultural, com sua justaposição de valores imensuráveis, algo produtivo e distante do conceito estéril de hibridismo das ciências biológicas. Porém, ao romper com o discurso homogeneizante e modernista a cultura, enquanto híbrida se torna uma arena antagonista de conflitos e agências culturais. Segundo Hall (2008), o fenômeno da migração produz identidades plurais pelo processo de conflitos e desigualdades.

Para entendermos melhor, esse desafio está no ensino de literatura. Compreender os riscos que a literatura vem passando em todos os âmbitos e perceber que a literatura está sob ameaça, não se trata de um perigo antigo em que a literatura disputava espaço com disciplinas concorrentes, por exemplo com a filosofia socrática, música, arte e outras áreas de formação cultural e humana. A literatura perde espaço, como diz o historiador e ensaísta Tzvetan Todorov(2017), a literatura perde espaço por falta de bons leitores, que apreciem um bom romance, que vejam na literatura como instrumento de transformação, algo que emana nas frestas do real entre o irreal. A literatura perde sua essência em duas frentes sendo uma banalizada pela sociedade, inútil, irrelevante, colocada sob segundo plano, vista apenas como divertimento, entretenimento. Outro anverso que empurra a literatura para seu sepultamento, está nos cursos superiores que a colocam como saber especializado e objeto de poucos, discutindo conceitos, teorias e estilos literários.

As escolas resumem o ensino de literatura ao contexto da história e gêneros literários, que auxiliam na compreensão das regras e na formação da língua portuguesa. A literatura se configura como um fenômeno perturbador, que desafia a sair do cotidiano e entranhar-se em um universo complexo, estranho, e muitas vezes perigoso. Literatura para quê? Por que ler grandes obras de grandes autores? Que pouco a pouco vai mexer com nosso consciente e de certa maneira com nosso subconsciente. Os alunos, mesmo os de graduação, pouco conhecem ou já ouviu falar de romancistas e poetas como Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe , Goethe, Fernando Pessoa, leituras como “ Crime e Castigo”, “ O castigo”, “O Livro do desassossego”, ou “A paixão segundo GH”, “ O Crime do Padre Amaro”, O primo Basílio, são raríssimos os que leram, não digo só dessas leituras e desses autores de renome universal, mas digo também de autores da literatura menor que escreveram nas e sobre as Amazônias, autores como Inglês de Souza, Milton Hatoum, Márcio Souza, Eneida de Moraes, Dalcídio Jurandir, Max Martins, Bruno de Menezes entre muitos outros que aceitaram o desafio de escrever sobre e na maior floresta da mundo, uma literatura que enche de encantos, mas que também arrepia com

seus mistérios, lendas e o folclore amazônico. Alunos chegam à faculdade de letras em busca de uma habilitação em língua estrangeira, ou dispostos a se tornarem professores de português.

A esses alunos não faltam criatividade e capacidades intelectuais e senso crítico, o fato é que esse aluno não possui o hábito da leitura, até o momento, quando digo isto, refiro-me a literatura direta, isto é a leitura de romances, poemas, contos e etc.. O contato com a leitura literária, salvo raríssimos casos, na escola de maneira geral do livro didático, pequenos trechos de romances, resumos de contos, apenas uma leitura mais cronológica e escolásticas da literatura, isso também pode ser considerado importante, mas não preenche o espaço perdido e deixa lacunas na formação intelectual e cultural desse sujeito em formação. A formação do leitor literário não é uma tarefa fácil, muitas das vezes, sem êxito, lenta e silenciosa, a literatura age vagarosamente na contramão da velocidade, plantando timidamente uma sementinha em terrenos áridos, aguardando uma gota de orvalho caia sobre ela e ali nasça uma bela árvore cheia de sonhos e esperanças capazes de transformar a dureza da vida em um dia mais bonito.

Para o aluno de ensino fundamental a literatura é distante, confusa e complicada. A literatura possui caráter de punição dos atos inconsequentes futuros, como alguém que está sendo castigado por aquilo que ainda não fez, mas certamente o fará. Selecionar bem os textos é primordial para se ter um resultado positivo, não há certezas quando se trata de literatura, não há respostas, o que há são perguntas, incertezas, dúvidas e que questionamentos sem respostas. Se nós levarmos o aluno a ler para valer, se fazermos com que ele mergulhe como quem se lança no abismo, porque é isso que a literatura é, um abismo, ele sairá de lá transformado, atordoado, perturbado e inquieto como alguém que busca por respostas, mesmo que não as encontre. Impossível passar despercebido, o leitor do conto Acauã de Inglês de Souza ou o poema “ Ver-o-Peso” de Max Martins.

Explorar o sentido amplo da leitura, sair da superfície do texto, adentrar as entranhas da leitura, dialogar-se, interrogar-se no texto, elementos esses, que perpassa pela formação de um leitor literário. A literatura é uma ferramenta de transformação capaz de mudar a realidade. Quem deseja se modificar e pretender correr os riscos de apaixonar-se, não teme perguntas sem respostas, sabe do perigo de tornar um leitor eficiente que aprecia a vida banal. Mas, estamos falando de alunos de ensino fundamental. Sabemos que nossos jovens leitores não descobriram o leitor em potencial que podem tornar-se, talvez se existissem leituras menos intrigantes, fosse a proposta correta, na dose certa, seria o ideal. Se quiséssemos formar leitores na superfície do texto, entretanto, estamos discutindo a formação cultural e literária do aluno, por isso, estamos

falando de uma literatura que transforma, que indaga, que mexe com o psicológico do ser-leitor, uma literatura que revolta, interroga, que faça o aluno sair do comodismo e de uma vida banal para ir em busca de si mesmo e em busca de respostas. Não se trata aqui de fazer o aluno ler apenas por ler, e sim de se transformar-se em um leitor capaz de desestabilizar-se, desassossegar-se, para tanto a escolha dos textos tem efeito relevante. A literatura é bem mais que diversão e entretenimento, é uma poderosa máquina de transformação.

Para tal didática, constitui-se a priorização de textos que contemple a idealização objetivada no projeto, textos que caracterizam uma formação literária e cultural baseadas nos desafios da pós-modernidade, sob a luz de teóricos que ousaram escrever sobre a diferença e a diversidade cultural. Para se firmar em tal contexto, o de formação literária, faz-se necessário o diálogo com autores capazes de manifestar tais propostas de leituras, escritores, poetas, romancistas, ensaístas, contistas que embarcam nessa viagem sem rumo certo. A única certeza é de tentar ver o universo de um modo diferente, onde não haja supremacia cultural ou qualquer outra forma de superiorização em relação ao outro, ou a cultura alheia. Literaturas discutem as relações humanas, que relaciona as fronteiras e as formas de identidades híbridas, construídas à margem, como chama o teórico indiano Bhabha (2014), “ o terceiro espaço”. A busca por uma literatura de autores das Amazônias não é aleatória, pois tais personagens correspondem às expectativas da imaginação aqui constituída, mas também não deixaremos de dialogar com outras leituras, de relevância entre elas, leituras como a “Metamorfose” de Franz Kafka,(2004) “A Alma da Marionete” de John Gray traduzida por Clóvis Marques(2015), “Sobrevivência dos Vaga-lumes” de Georges Didi-Huberman, traduzida por Vera Casa Nova Márcia Arbex (2011), entre outras obras que mexem com o espírito do leitor e carregada de sentimentos, perturbações que movem o leitor a ir em buscas de novas hipóteses de pensamento, deslocando-se do seu cotidiano.

Os contos são em sua grande maioria, uma boa sugestão de leitura, para o ensino fundamental, pois é essencial para o leitor principiante uma leitura de fácil compreensão, gosto peculiar, cheias de mistérios e encantos a serem desvendados.

Para tal proposta, sugerimos contos da Amazônia de diversos prosadores paraenses, contos cheios de magias, vozes da floresta que se esvaem por todos os lados causando ecos e sussurros que chega a provocar arrepios nos leitores, como informa Bettelheim (1980) “ um quatinho trancado costuma representar em sonhos os órgãos genitais femininos e o giro de uma chave na fechadura simboliza a cópula” (BETTELHEIM, 1980, p.273). Bettelheim destaca que

a imaginação de um leitor pode ir longe em um simples conto, toda a simbologia presente nas leituras pode causar um “rebuliço” na mente do leitor, as águas dos rios, a floresta, o boto, a sereia, a ilha deserta, os caminhos que o levam ao rio, o canto do pássaro noturno.

Estes elementos presentes no conto cria um cenário fértil imagético, capaz de prender o leitor inicial em sua fase mais crítica de leitor que é conhecer o texto, apalpá-lo, sentir o cheiro das letras, tocar o texto, ter a sensação de sua primeira viagem ao centro de uma floresta perigosa, carregada de mistérios e medos, que também são seus medos, medo da floresta escura, do canto do pássaro de mau agouro, da ave fantasma que passa sobre a casa causando medo e arrepios, medos se escondem dentro de si e que são simbolizados pelos elementos que compõem o imaginário amazônico.

Personagens como o Curupira, a Matinta Pereira, o Boto, a índia linda e cheirosa das lendas amazônicas, fazem parte do folclore das Amazônias, causando assim a sensação de identidade e ver em tais contextos e aproximação do povo da floresta com seus autores e personagens. Podemos dizer, a primazia por literatura menor, caracteriza-se pelas escolhas de autores de cunho amazônico, abrindo mão de nomes da literatura canônica, passando a utilizar leituras que identificam a cultura do povo da Amazônia. Na definição de uma literatura menor, Deleuze e Guattari (2002) apontam três características fundamentais

em primeiro lugar, a literatura menor se caracteriza como prática de uma minoria numa língua maior que é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização. Em segundo lugar pela natureza imediatamente política do seu enunciado, o espaço exíguo faz com que cada caso individual seja ligado a política, abolindo assim as definições entre o privado e o público, o íntimo e o social. Em terceiro lugar, pelo fato de que tudo adquire um valor coletivo. Aqui o enunciado individual é imediatamente coletivo, e o escritor, na sua individualidade, desde já se articula uma ação comum (Ipotesi-revista de estudos literários. 2002, p.170).

A hipótese de uma literatura menor aqui definida por Deleuze e Guattari, é percebida através de três elementos fundamentais que diferencia do cânone e aproxima do coletivo e do social. A desterritorialização da língua, a ligação do indivíduo no imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação, o termo menor não qualifica certas literaturas que se distancia do cânone literário, mas das condições de produção e seu modo revolucionário no meio das grandes literaturas sacralizadas universalmente. A literatura menor, se coloca além da crítica formal, dos valores estéticos e de estilos de épocas, não se posiciona como objeto fixo, mas como uma máquina de transformação como um objeto de expressão popular.

Segundo Kafka(2003) precisamente uma literatura menor é muito mais apta a trabalhar a matéria, portanto, apta a trabalhar as vozes da Amazônia, as expressões e o seu grito de revolta. Trabalhar com a literatura marginal, literatura popular, literatura de protesto, etc. Só assim, talvez possamos conquistar nosso propósito maior, valer-se da literatura como máquina de transformação. Trabalhar com a literatura menor no ensino fundamental não distancia o aluno das literaturas canônicas, e sim propõe ao leitor em formação um diálogo direto com uma literatura que de certa forma o aproxima do coletivo, do social que faz uma leitura do espaço em debate. Discutir autores das amazônias e ler a si próprio, dialogar com o eu na imagem do outro refletido no discurso do autor é imprescindível nesse tipo de atividade pedagógica.

Para consolidar projeto de leitura e literatura nos anos do ensino fundamental, é necessário rever formas de estruturação curricular para caracterizar o ensino de literatura por meio de uma apresentação cronológica que privilegia a discussão literária por um viés temático, apontando para autores canônicos e não canônicos, sendo os modelos apresentados nos livros didáticos como padrão. A ideia consiste em transpor os modelos convencionais dos livros didáticos, pautados na necessidade e realidade da turma e do aluno. Modelos que provoquem o leitor a dialogar com o texto e com autores de épocas e estilos diferentes, culturas e concepções diversas, a exemplos: autores afro-brasileiros, indígenas, africanos e no mesmo âmbito de discussão, escritores canônicos. Assim, esperamos as possibilidades de surgimento de espaço para as discussões e curiosidades. Discutir conceitos de termos literários, discursos de alteridade e coletividade, sem deixar de estudar e mencionar as escolas literárias, sempre que necessário, mas focalizar no sujeito e no intuito de fazer uma leitura crítica da ideologia a partir de temas específicos, reverenciando as peculiaridades de pensamento de cada um. Desta forma, a prioridade é o aprofundamento de práticas de leituras críticas, eficazes e capazes de promover o letramento, a consciência sociopolítica do leitor por meio de obras e textos, debates, discussões.

2.2 Discurso, identidade e cultura nas Amazônias

A Amazônia é (re)conhecida internacionalmente por suas paisagens exuberantes e continentais que o homem configura como parte indissociável, imobilizado no âmago da natureza, possível a existência no mundo contemporâneo de uma natureza intocada. Nesse processo, a história do homem na Amazônia é marcada por silêncios e ausências que acentuam a sua relativa invisibilidade e velam os traços configurativos da sua identidade. Desse modo,

adentrar o universo identitário dos povos amazônicos, implica considerar um mundo de ambiguidades, percorrer caminhos que se cruzam e se contrapõem, mascaram diferenças sociais nos processos de emancipação social e política.

Para entendermos como a literatura começa a perder espaço nos meios acadêmicos e nas escolas, vimos anteriormente, alertado por Todorov (2009) em “A literatura em perigo”, que é preciso entender antes de tudo, a identidade em questão, ou melhor, a crise que a identidade vem passando na pós-modernidade. Para melhor compreender esse processo pela qual passa a identidade, tomaremos como referência as hipóteses colocadas por Hall (2015), que define identidade em três concepções: O sujeito do iluminismo; o sujeito sociológico; o sujeito pós-moderno.

A primeira definição trata do “Eu”, uma psicanálise que começou a ser desenvolvida e continuou ao longo de sua existência. Na segunda definição, constituída na interação entre o “Eu” e a sociedade que está relacionado ao espaço onde viveu ou vive, a noção de sujeito é formada na relação com as pessoas que mediava para os símbolos os sentidos e a cultura na comunidade em que cresceu e viveu ou ainda vive.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o interior e o exterior- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de projetarmos a “ nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “ parte de nós” contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2007, p.11).

Para tanto, percebemos que o sujeito pós-moderno, é um misto de identidades, caracterizado pelo hibridismo cultural, um fragmento de identidades adquiridas ao longo dos anos pelas experiências vividas socialmente, podemos dizer que esse sujeito vive na fronteira, carregado de elementos do passado, sem deixar de viver o estado presente, mas aberto ao futuro que pode ser algo inerente ao caráter de constantes mudanças.

2.3 Reflexos indesejáveis da identidade: o ser da Amazônia

Antes de tudo, é preciso entender que os povos da Amazônia não vivem isolados no tempo e no espaço, sempre estabeleceram, e continuam a estabelecer, relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com as comunidades vizinhas e com os agentes mediadores da cultura, entre o mundo rural e o urbano e a vida em escala global. A Amazônia nasce e

desenvolve-se no âmago, nos dilemas da moldura da civilização euro antropocêntrica. As concepções construídas sobre a Europa sustentar uma vida tradicional, não deve ser considerada de modo estático e congelado. As manifestações culturais e sociais se expandem pelo mundo urbano e vice-versa, assimilando algumas práticas e rejeitando outras. Ainda que reproduzam manifestações tradicionais em suas vidas cotidianas, não podemos afirmar que esses grupos sociais não estejam inseridos em um processo progressivo de diferenciação e transformação.

Para compreender esses grupos sociais é preciso desvendar sua cultura, é necessário considerar o contexto contraditório que estão inseridos e as suas manifestações e práticas culturais. Entender o modo de vida dos grupos sociais que habitam a Amazônia não significa, apenas conhecer e descrever a riqueza dos seus recursos naturais, e sim, compreender seus vastos territórios. É preciso perceber que além da paisagem natural, harmônica e romântica, por trás dessas, há aquelas socialmente construídas repletas de contrastes e contradições.

Os numerosos grupos sociais que habitam a Amazônia desenvolvem um singular estilo de vida, transmitem costumes e práticas culturais de geração em geração. Cada palavra, gesto, pedacinho de gente e de seus lugares, invisíveis foram-se acumulando e revelando uma forma singular de vida que exprime o inexprimível.

Diante das transformações históricas marcadas por continuidades/descontinuidades, foram-se definindo povoados, rotas, caminhos, *habitus* e identidades — enfim, territórios. Em face das misturas e presenças entremeadas, emergiram diferentes tipos sociais, trabalhadores de condições adversas inventaram e reinventaram formas de sobrevivência, adaptaram-se às sutilezas complexas dos múltiplos ecossistemas. A alteração na composição étnica da região fez surgir frutos da mistura social, cultural e racial, e um novo estilo de vida. Embora as tentativas de eliminar e/ou conjurar qualquer traço da cultura e modo de vida indígena tenham sido inflexíveis e avassaladoras, o resultado não foi plenamente alcançado. O *ser da Amazônia* permanece imbuído da identidade dos antigos ancestrais — os ameríndios da várzea e/ou terra firme.

O problema a examinar, portanto, não é o da possibilidade da ocupação humana da Amazônia, mas de quais tipos humanos nela se poderiam instalar para elaborar um sistema de vida que não fosse apenas aquele do regime tribal e da utilização imediatista e simplista dos recursos naturais que a técnica e o instrumental bisonhos autorizaram. (REIS, 1966, p. 290).

A visibilidade aos povos amazônicos pressupõe-se, considerá-los inseridos em um contexto de mudanças históricas, sujeitos às mesmas dinâmicas que permeiam o sistema socioeconômico e político-cultural da civilização contemporânea. Trata-se de criar mecanismos para participação dos grupos sociais nos processos de decisão de poder, de modo crítico e consciente. Para isso, a emancipação social precisa ser um projeto de todos, construído por todos os cidadãos.

Compreender o homem como produto e resultado das condições históricas, nesse sentido, o homem amazônico deve ser compreendido como projeto, no sentido sartreano do termo. Nessa concepção, necessidade e liberdade são elementos distintos e complementares intrínsecos do projeto humano. Para superarmos as possibilidades de uma razão ainda portadora de resíduos coloniais, torna-se imperativo reconhecer e ativar a perspectiva que se fez do homem, o importante é aquilo que o homem fará, e com o que fizeram dele.

A construção da identidade cultural na Amazônia é discutida na teoria de Bhabha (2014) que apresenta uma visão contemporânea e questiona as identidades fixas e a ideia de totalidade. “Há a necessidade de pensar o limite da cultura com um problema da enunciação, da diferença cultural que tem sido rejeitado” (BHABHA, 1998, p.37).

Nessa concepção de identidade cultural, acredita-se, que esteja em processo permanente de reconstrução e de deslocamento de fronteiras delimitadas. Para Miranda (2014), esses deslocamentos são definidos como fronteiras, espaços de travessia, ao mesmo tempo limite e limiar da possibilidade de elaboração da diferença.

A escola é um espaço multicultural e cada indivíduo busca alocar-se em uma comunidade intersticial, e as diferenças culturais os levam a formar pequenos grupos, por exemplos “tribos urbanas”. É papel do formador de leitores colocar uma discussão sobre a importância de cada leitura e da cultura. O leitor inicial precisa conhecer as formas de leitura, o processo construtivo de formação cultural e literária não pode construir uma visão unilateral de conceitos culturais e identitários. Cabe ao formador conscientizar o formando de que há leituras importantes no respectivo espaço social onde devem ser vistas de forma relevante, sem sobrepor-se a outra, todas são leituras e escritos realizados por homens e mulheres em lugares, tempo e espaços diferente deixam marcas identitárias, linguísticas, pessoais e, até mesmo, sentimentais. Ao escolher a diferença, o respeito pela cultura do outro, existe a possibilidade de novas culturas sem a suposta hierarquia de cultura dominante.

A história da Amazônia é reescrita de várias formas, a literatura amazônica é considerada de pouca relevância e expressão frente ao cenário nacional, vista como uma literatura menor. Pela crítica de feição eurocêntrica, a região amazônica, a cultura, literatura, o povo amazônico, a dança, os costumes e as histórias estão em segundo plano, como coadjuvantes em cena. Os relatos de viajantes e exploradores que passaram e registram suas percepções sobre os territórios amazônicos estavam voltadas para a exuberância da selva, a grandeza de maior floresta tropical do mundo, O homem um animal em meio a tantos outros. A grande maioria dos que passaram, ativeram ao espaço físico, ignoraram os habitantes e as suas histórias exóticas sobre a natureza, mato, bichos, ervas e rios que serpenteiam a mata quase infinita. Quanto aos habitantes, as histórias, os costumes e crenças que sobreviveram a centenas de anos, as identidades entrecortadas pelo rompimento das fronteiras e pela mistura com novos povos, culturas e crenças, tornando-a rica culturalmente. A Amazônia seduz pelos seus encantos exóticos, místico e exuberante que desperta o interesse a ser desvendado. O cenário perfeito para histórias românticas, aventureiros apaixonados que cederam aos encantos da floresta. Enquanto isso, as maiores riquezas são esquecidas e pouco lembradas nos escritos produzidos a partir de um olhar do colonizador. O povo, as crenças, os olhares, as crianças, os índios e ribeirinhos poucos aparecem nos livros didáticos, quando aparecem, são apenas parte do cenário incrível que Amazônia pode oferecer, as mais lindas imagens, o mais belo pôr do sol ou o raiar do dia às margens do Rio Tocantins.

A escola precisa mostrar que Amazônia é bem mais que uma imensa floresta, é o habitat de milhões de espécimes raras de animais e plantas. O homem apenas faz parte desse contexto. Precisamos ir além do que é imposto, a cultura elitizada de que só é cultura que passa pelo olhar do sulista, do europeu, de que a literatura vem do cânone. A formação de novos leitores segue essa ideologia massacrante, a condenar o nosso meio, de ignorar mesmo antes de conhecer. A valorização da literatura produzida na Amazônia vem ganhando espaço cada vez mais no cenário nacional e internacional, a tentativa de hostilizar a cultura e a literatura amazônica feitos por algumas mídias, tem surtido efeito contrário, de certa forma despertando a curiosidade para a aproximação, o desejo de conhecer de perto a cultura do povo da Amazônia.

Desmistificando a ideia de que literatura é construída somente por textos clássicos baseados na cultura europeia, é necessário formar novos leitores reflexivos, capazes de escrever e ler sobre a região em que vivem, lugar de nascimento que cresceu ouvindo oralmente de seus avós e vizinhos estórias de pescadores, caçadores, Capelobo, da Matinta Pereira, do Boto que

vira homem em noite de lua cheia, e muitas outras contadas por ribeirinhos e castanheiros que residem ou já viveram por aqui. A escola tem responsabilidade na formação literária do aluno, professor formador de novos leitores precisa ter o compromisso, fazer o aluno conhecer, perceber, senti a riqueza da cultura e da literatura amazônica que está inserida no cotidiano cultural. A definição de identidade e cultura é superada, pois devido a possibilidade de degradação e do jogo de ocultação que os cerca, o ser não é e nunca será a semelhança de um produto. Para Lane (1983),

apenas quando confrontamos as nossas representações sociais com as nossas experiências e ações, e com as de outros do nosso grupo social, é que seremos capazes de perceber o que é ideológico em nossas representações e ações consequentes, ou seja, pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, questionando-os de forma a desenvolver ações diferenciadas, isto é, novas formas de agir, que por sua vez serão objeto do nosso pensar, é que nos permitirá desenvolver a consciência de nós mesmos, de nosso grupo social e de nossa classe como produtos históricos de nossa sociedade, e também cabendo a nós – agentes de nossa história pessoal e social – decidir se mantemos ou transformamos a nossa sociedade (LANE, 1983, p. 36-37).

Para os estudos culturais, o processo identitário não é fechado e especializado, mas é a identidade enquanto diferença na construção do novo, pois qualquer processo de identificação estará contaminado ou atravessado por um processo de hibridização cultural.

Será este recém-nascido tão diferente dos Severinos homogêneos e homônimos que vimos encerrados na sua mesmice? Na verdade, é um ser do mesmo gênero que, inclusive, também pode vir a ser mais um Severino, como possibilidade – não como necessidade. O que caracteriza é a plasticidade; define-se pelo vir-a-ser”. Isso revela a vida ... “ o humano é vir-a-ser humano – identidade humana é vida! (CIAMPA, 1987, p.36).

A vida de um indivíduo está definida por uma série de elementos e vai sendo construída no decorrer do seu crescimento físico e cultural. A perpetuação no ensino de teorias sobre grupos sociais que possuem características superiores em relação a outros, a séculos dissemina uma ideia ignorante e excludente. Não há cultura melhor ou inferior a outra, a verdadeira ideologia que se deve ver na escola é essa. A música de negro não é inferior a ópera clássica europeia, a dança, a comida a literatura também não devem ser interpretadas como manifestações culturais inferiores. Nenhuma cultura deve se sobrepor a outra, ou pelo menos, não deveria.

2.4 Discutindo cultura e identidade na escola

Discutir letramento cultural no ensino fundamental, partimos do pressuposto que precisamos refletir sobre as relações identitárias e fronteiriças, ou seja o lugar que as pessoas ocupam na sociedade, o afastamento das singularidades de classe e de gênero. Por que discutir isso no ensino fundamental? É evidente que precisamos voltar a atenção para essa discussão, as leituras feitas nas escolas não pode continuar alheia a prerrogativas que discutem a democratização da cultura e da leitura literária no campo escolar.

No processo de formação de novos leitores não se discute leituras que apontam para pluralidade cultural, diversidade cultural ou a valorização das culturas como cultura do outro. É preciso ter na formação inicial o ato de ver o diferente, como diferente e não inferior ou estranho, chamar a cultura do outro de barbárie é falta de costume com aquilo que lhe foge do rotineiro, ou seja pode ser considerado estranho, bárbaro aqueles que não se comportam com os padrões adequados socialmente.

Nessa afirmação, Bhabha (2014),

o afastamento da singularidade de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva- que dão início a novos postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 2014, p. 20).

Na hipótese colocada por Bhabha (2014), entendemos que é preciso ultrapassar barreiras, romper o fronteiro das narrativas da subjetividade originárias que são produzidas na articulação das diferenças culturais. São nesses terrenos, entre-lugares que encontramos espaços, vastos terrenos para que possamos criar estratégias de subjetivação. Nesse interstício surgem novos signos de identidade, novos gêneros e também de constatação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

A hipótese de discutir cultura na escola é também o ato de fazer que cada pessoa possa romper com a fronteira, o limite individual ou grupal que se aproxime mais da cultura do outro, respeitando as diferenças e localizando no espaço entrecortado, constituindo assim, um novo ser de identidade híbrida dotado de liberdade subjetiva.

O propósito aqui, tem por base discutir e analisar metodologias adequadas na escola, capazes de problematizar o lugar da cultura e da literatura, por meio da leitura literária. É necessário colocar em evidência a importância da cultura e da literatura como objetos de formação e construção indelével do “ser” como projeto de intervenção na vida cotidiana escolar do leitor em formação.

Podemos ver a escola por diversos pontos de vistas, entre eles, um lugar de formação padronizada e mecanismo de mudança como progressão social para aqueles menos privilegiados, mas não podemos deixar de enxergá-la como um espaço social multicultural de diversidade imensurável, credos diversos, etnias, saberes, gostos e naturalidades diferentes. As diferenças são muitas e literatura deve intervir como meio de aprimoramento cultural e de formação humana, pois também é pressuposto básico da literatura a formação da alma, do cognitivo, da catarse e do prazer estético. Ao discutir esses pressupostos a escola cumpre seu papel social e de caráter humanizador, além de uma mera instituição repetidora de conteúdo dos livros didáticos produzidos pelo sistema que impõe e oprime o pensar dos alunos. A escola forma seres pensantes, ativos e reflexivos sobre seus próprios atos de construção social, o lugar e seu papel no meio em que vive. Deixar de ver a escola como um lugar de imposição de informações, de “conhecimentos”, e sim, vê-la como um lugar de troca de saberes, reflexão e aprimoramento, pois nenhum aluno é uma caixa vazia pronta para ser cheia de informações aleatórias e quando isso ocorre, muitas nunca serão usadas.

2.5 A formação de novos leitores e novas práticas de leituras

A formação de novos leitores não acontece basicamente pelo incentivo à leitura e a vontade de ler do sujeito aluno. Destaca-se o sujeito aluno, porque esse é o leitor, que a priori, é o centro das discussões nas formações continuadas de professores da educação básica, inclusive nas academias letras e linguagens. A formação do leitor exige mais que boa vontade, compreende-se uma conjuntura política e pedagógica entre escola e comunidade para que possa reunir setores da sociedade em um conjunto de forças, e que possam unir escola, família, universidades e principalmente o sistema educacional.

Afirmar que não se faz leitura na escola é uma inverdade, há muitas leituras, o que devemos indagar o tipo de leitura realizada e como está sendo desenvolvida. Que tipo de leitores a escola está formando. Certamente não está sendo formado o leitor crítico, eficiente e capaz

de refletir, interpretar sobre a realidade local, pois percebemos que há uma enorme lacuna entre o que se lê e o que é preciso para o desenvolvimento dos alunos.

O principal indício sobre a ausência de formação de leitores críticos e eficientes nas escolas públicas, é falta de espaço para a literatura, a leitura de modo em geral e para quaisquer outras atividades culturais. A escola preocupa-se em cumprir metas, concluir conteúdos da matriz curricular, desse modo, há pouco espaço para o desenvolvimento da leitura literária e para a cultura. A literatura perde espaço nos ambientes escolares e no mundo moderno, não se vê tantos leitores nos cafés das esquinas, nos ônibus, nas filas de bancos, nos bancos das praças. Com as mudanças e o avanço das tecnologias é mais provável vermos alguém com celular conectado a redes sociais e talvez, do que encontrarmos alguém com um livro ou uma revista impressa fazendo uma boa leitura, voltando a página para reler, riscando, sublinhando a parte mais interessante do texto. A presença de um aparelho tecnológico de última geração não significa falta de leitura, mas é pouco provável que alguém troque o bate-papo das redes sociais por um conto de Milton Hatoum ou pelo Memórias Póstumas de Brás Cubas. O resultado pode ser o de jovens chegando ao ensino médio com um nível de leitura inadequado para a idade e série, o que repercutirá de forma negativa na sua vida acadêmica, posteriormente.

A literatura tornou uma disciplina escolar, ou leituras obrigatórias em vestibulares de algumas universidades do Brasil. Leituras obrigatórias, resumos de leituras comentadas por professores concurseiros, que se gabam por colocar mais alunos nas universidades, direcionando maior parte do mérito ao nome do cursinho a quem frequentou por alguns dias ou meses.

A leitura de obras completas tornou-se raras nos espaços escolares e até mesmos nos acadêmicos. Alunos optam por atalhos de fácil compreensão textual, por exemplos resumos, resenhas, sínteses retirada da internet. A busca pela “facilidade” e a apropriação dos atalhos é um caminho mais curto, aquilo que está mais acessível, no entanto menos eficaz para sua formação.

A literatura não pode ser vista como um fardo na escola, como uma obrigação e sim como algo de imensurável contribuição na formação cultural e humana, ser lida com prazer estético da linguagem, não como uma leitura utilitária de qualquer tipo de texto, sem preparação ou formação. A leitura literária é uma aventura imaginária que nos conduza a caminhos nunca antes percorridos, nos transporta pelo tempo e espaço em épocas diferentes, fazendo-nos conhecer costumes, gostos, danças e modos de viver de diferentes povos e nações, heróis e reis,

príncipes e princesas que viveram os mais loucos e românticos romances narrados por diferentes vozes veladas, percorrer diferentes florestas, deparar com bichos e monstros, lobos e botos, iemanjás e curupiras. Enfim, literatura é parte essencial na formação humana e digna de espaço relevante no meio social, escolar e acadêmico. Todorov (2003) afirma,

mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e de organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação como outros e, por isso nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor sua vocação de ser humano (TODOROV, 2003, p. 23-24).

A literatura citada por Todorov (2013) é a que encanta, toca a alma, ajuda a formar seres humanos mais humanos, que eleva o espírito e que seduz a alma.

O texto, especialmente o de literatura precisa ocupar lugar de destaque nas aulas do ensino básico, nas formações, nas universidades com isso, é preciso retirar as aulas de literatura dos últimos horários, do último dia da semana, (isso quando há aulas de literatura) porque não há espaço para aulas de literatura e nem espaço para discutir cultura na escola. É preciso destacar o aprimoramento cultural, a leitura literária e momentos de reflexão sobre os textos lidos, é preciso trazer a leitura para os momentos mais interessantes das aulas.

Por isso é que nas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995. P.177).

Destacar a cultura e a literatura nos espaços de formação pode surtir efeitos positivos e não apenas incentivar, e sim priorizar a leitura com projetos para oportunizar ao leitor um ambiente propício. Criar espaços que viabilize o sucesso da leitura como ampliação dos espaços de leitura, bibliotecas, salas de leituras, criar espaços livres para leitores, e assim, criar ambiente cultural e literário.

Segundo Silva (2009), lidamos com pelo menos cinco tipos de leitores. O pré-leitor, o iniciante, o em processo, o fluente, o competente e o crítico. O pré-leitor é o tipo comum no ensino fundamental menor, ouve uma narrativa, é guiado pela sequência de imagens ou com a

ajuda de um leitor adulto. Este tipo de leitor é muito influenciado pelas imagens e ilustrações que o ajuda a compreender a história. O leitor iniciante lê textos breves e facilitados sem a ajuda de outra pessoa. Consegue sozinho realizar leituras de fácil compreensão. Leitor em processo consegue ler textos de dificuldade média, ou seja compreende bem o vocabulário e a construção narrativa bem como o uso linguagem. Leitor fluente possui condições de ler sozinho textos complexos, longos e de um grau de maior dificuldade. Leitor competente ler todos textos complexos e longos e é capaz de reconhecer artificios de construção sintática, bem como, estabelecer conexões entre diversas leituras. Leitor crítico lê com autonomia textos de quaisquer extensão, identificando alusões e subentendidos, estabelece relações entre o texto lido e realiza inferências com as vivências diárias, capaz de emitir reflexões críticas sobre o texto lido.

Para desenvolver o leitor crítico a escola tem dificuldades em cumprir o seu papel, o de entidade formadora. Pouco se tem feito em relação à leitura e a formação dos tipos de leitores, não por negligência, talvez por falta de condições adequadas de trabalho. Faltam espaços destinados a leitura, bibliotecas, pessoas capacitadas e salas de leituras. A problemática contribui para que o aluno chegue ao ensino médio com um nível baixo de leitura.

2.6 Limitações e avanços no ensino de literatura em ambientes escolares

A maneira de ver o ensino de literatura na escola não está de acordo com a expectativa de letramento cultural e literário discutidos nas universidades públicas do país. O espaço definido no currículo da educação básica é um espaço curto e de pouca expressão.

A literatura enquanto disciplina escolar possui um espaço reduzido no ensino fundamental, em alguns contextos não há espaço definido para o desenvolvimento literário, existe espaço para as aulas de gramática e produção textual. No ensino médio a literatura, enquanto disciplina curricular, está em segundo plano, foi inserida no currículo de algumas escolas como disciplina não obrigatória, em alguns contextos, essa disciplina é ministrada no terceiro ano do ensino médio. Nos cursinhos de vestibulares, as leituras são resumos de obras “comentadas” no intuito de fornecer pistas para alunos que poderão ser úteis no momento de uma avaliação objetiva.

Estes são alguns percalços do ensino de leitura e da formação de leitores em nossa sociedade. O ensino de literatura não deve ser encarado como obrigatório, apenas para cumprir uma lacuna e preencher um espaço no currículo escolar, a Literatura deve ser uma disciplina

escolar, ser ministrada em momentos adequados e de oportunidades de interação entre o leitor e a obra, entre autor e leitor sendo o professor o mediador.

A literatura, segundo Cândido (2009) é um direito imprescindível de todos e pode ser um forte instrumento de formação social e cultural para jovens que foram destituídos, por fazer parte de uma classe menos abastada, famílias de baixa renda, carentes de tudo, inclusive do acesso à cultura. Sobre este assunto, Cândido (2011) faz o seguinte alerta

Portanto, a luta pelos direitos humanos, abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso a diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esfera comunicáveis, dando lugar a dois tipos comunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2011, p.193).

O direito à vida e a bens incomprensíveis, como o acesso a moradia, a saúde, a água potável e educação, não pode estar muito distante daqueles que é visto como bens compreensíveis, a fronteira entre eles, muitas vezes é difícil de se fixar. O direito à cultura, a arte e a literatura deve ser encarado como um desafio cotidiano de todos. Em cada sociedade o modo de ver o acesso a bens compreensíveis e incomprensíveis, isso depende da formação cultural de cada sociedade. O que é essencial para alguns, parece desnecessário para outros. Acesso a bens culturais a crianças de famílias ricas desde o seu nascimento para imprescindível para os nobres de famílias ricas, mas já não é visto com a mesma importância para o garoto de família pobre nascido no interior de uma comunidade carente a beira de um grande rio na Amazônia, não que ele vá sofrer com a falta de tal elemento, mas é tudo uma questão de como as coisas são vistas. Não é dado a mesma importância para ambos, uma vez que a criança de família pobre, talvez nunca vá ter acesso a esses bens compreensíveis, que do ponto de vista dominante, ele jamais carece desse consumo.

Certos bens são obviamente incomprensíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compreensíveis, como cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. O primeiro litro de arroz de uma saca é menos importante do que o último, e sabemos que como base em coisas como esta se elaborou em economia política a teoria da “utilidade marginal”, segundo a qual o valor de uma coisa depende em grande parte da necessidade que temos dela. O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios incomprensibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode se instrumento para

convencer as pessoas de o que é indispensável para uma camada social não é para outra. (CANDIDO, 1995, p.165).

Em uma sociedade historicamente opressora como a nossa, é bem possível que o respeito ao direito à cultura e a literatura sejam negados, uma sociedade em que se divide entre os que tem mais e os menos tem, é provável que o acesso a leitura seja tido como bens supérfluos, ouvir uma música clássica, frequentar um teatro, assistir a um balé clássico, ler um bom livro, talvez ainda seja, privilégio de poucos. Um país em que as divisões de classe são bastante explícitas. Tem como exemplo, a educação, o filho de quem tem dinheiro estuda em escolas particulares -ou às vezes de quem faz um sacrifício tremendo para garantir essa qualidade- um pouco mais estruturadas, com maior apoio pedagógico, enquanto as crianças mais carentes frequentam as escolas públicas, desestruturadas, abandonadas, sem condições de oferecer qualquer base cultural, na maioria das vezes.

Do ponto de vista da teoria da Política da “utilidade marginal” a criança pobre deve se contentar com o básico para viver, sem direitos a outros bens que fogem do seu padrão econômico-social. O acesso à cultura, a literatura e arte não faz parte do seu grupo social, portanto não lhes farão falta. Esse pensamento colonialista que vem perdurando sobre nossas cabeças a mais de 500 anos de história mal contada, mal vivida e aceita pela maioria que nesta terra habitam.

Antes de qualquer outra coisa, é preciso desmistificar a ideia precursora de cultura e literatura implantada em nossas mentes, em nossas escolas, ensinadas nos livros didáticos. Que a cultura é aquilo que é clássico, erudito, que a literatura são as grandes obras clássicas produzidas pelos grandes nomes da literatura mundial, antes de mais nada precisamos discutir a valorização da cultura de cada um, de cada lugar, de cada espaço. Recontar a história de uma posição em que o sujeito não seja apenas figura ilustrativa nas narrativas do colonizador. Principalmente na Amazônia, carece de um olhar especial no sentido mais amplo da leitura. O reconhecimento da cultura amazônica, de suas narrativas como literatura, da valorização pelo próprio sujeito amazônico, que muitas vezes desconhece ou nega sua identidade. Por medo, por falta de conhecimento ou simplesmente por ter seus direitos negados, direito a ter sua cultura e a sua literatura reconhecida como de fato deveria ser.

O texto, especialmente o de literatura, é o principal objeto de estudo da língua, por isso não faz sentido na escola estudá-lo de forma isolada, o texto literário deve estar associado ao estudo da língua portuguesa de modo que o sujeito leitor tenha condições de ler e produzir a

partir de reflexões feitas sobre o texto literário, e que, partir da leitura seja possível desafiar os alunos a criar, refletir, interagir e produzir discussões que ampliem seu conhecimento de mundo.

É preciso acompanhar de perto os passos de um leitor inicial, deve ser coordenado e acompanhado pela escola e pelo professor formador, a escola, por sua vez, não pode mais ser vista apenas como um local de repetição de conteúdos, memorização e de ensino de regras, fórmulas e gramática, esta por si mesma, precisa intervir na formação cultural de seus discentes, ser vista como um local de aprimoramento de saberes, de troca de experiências, de letramento cultural, para tanto, a leitura e a literatura precisa ser parte relevante no currículo escolar as autoras do caderno de formação *A Formação do leitor jovem* Ana Mariza Ribeiro e Diana Maria Marchi (2009), escreveram: “é função da escola, em especial da educação linguística, ampliar a cultura de escrita dos estudantes, atribuindo novos sentidos ao letramento em suas vidas”.

Para isso, é interessante que a escola busque práticas pedagógicas mais eficientes, crie e desenvolva projetos que priorizem as práticas de leitura e de literatura em sala de aula e também projetos que incentive a leitura fora da sala de aula, e amplie os espaços destinados a interação com a leitura, como já disse anteriormente. Além disso, é preciso investir mais na formação e capacitação de professores que atuam nas áreas de linguagem, para que estes tenham condições de trabalhar a formação cultural e literária em sala de aula, Ribeiro e Marchi (2009), nos coloca que:

a leitura é interação: o ato de ler implica diálogo entre sujeitos históricos. As atividades de leitura, desde as primeiras etapas escolares, visam um desenvolvimento de competências que permitam compreender o texto como manifestação de um ponto de vista autoral, assumindo a partir de determinado contexto histórico. Pretendem também colocar o aluno em relação com o ponto de vista e o conjunto de valores expressos no texto, ou seja, em condições de reagir e tomar posição diante dele. Ler implica uma atitude responsiva, isto é, estruturar uma resposta ao texto por meio de novas ações, de linguagem verbal ou não (RIBEIRO e MARCHI, 2009. P, 30).

Considerando toda essa hipótese sobre a leitura, e considerando que o texto seja literário, leitores iniciais darão uma resposta ao texto, texto esse que pode ter sido recomendado pelo professor, ou pelo livro didático, mas sempre interagindo com o texto, deixando suas impressões, sua interpretação sobre o mesmo, embora o grau de dificuldade dele, o leitor em formação, seja bem maior em relação a outros textos de língua portuguesa, como por exemplo, uma narrativa, uma fábula, um conto ou mesmo uma crônica. A literatura carrega consigo a

delicadeza da linguagem poética, subjetiva estética, o que faz com que, para um leitor em formação apresenta um grau maior de dificuldade.

Para isso, é importante que as práticas pedagógicas procurem resgatar, mediante o planejamento de tarefas e durante a interação em sala de aula, a possibilidade de a leitura assegurar ações de construção de sentidos. Ainda que limitada ao contexto concreto da escola – a leitura literária em classe, em tarefas para fazer em casa ou em outras oportunidades – deve ter sempre uma finalidade reconhecível e compatível com o gênero do texto lido, como por exemplo, a leitura de um texto dramático, para posterior apresentação, ou de uma crônica para a construção de uma resenha crítica. Somente assim torna-se significativa, pois retoma as situações sociais nas quais encontra-se sua função. Comparado à ideia de que ler é simplesmente uma atividade de decodificação, o esforço por recuperar nas aulas as funções sociais da leitura implica uma série de consequências e resgata a finalidade de ler literatura (RIBEIRO e MARCHI, 2009. P.37).

O ato de ler em sala de aula, deve ser visto de uma outra maneira, a leitura não pode ser aplicada como que apenas pelo ato de decodificar, para saber se o aluno saber ler ou não. A função social da leitura literária não pode ser deixada de lado, é preciso levar o discente a refletir sobre o texto lido, encontrar-se no texto, associar suas práticas vivenciais a leitura feita, só assim, ele vai conseguir encontrar de fato, sentido no texto lido em sala de aula e vai deixar de ver a leitura como uma obrigação e requisitos de avaliação para passar de ano. Estaremos discutindo no próximo capítulo sobre concepções de leituras e a formação do leitor literário.

3. CONCEPÇÕES DO ENSINO DE LITERATURA

O ensino de literatura na escola de ensino fundamental, não se deve pautar apenas no desenvolvimento sociocognitivo do aluno, é preciso ir além, resgatar valores intrínsecos inerentes a leitura literária. Pensar na literatura como instrumento valioso na formação de leitores, leva-nos a pensar de como ela está sendo trabalhada na escola de ensino fundamental. Refletir sobre o papel da escola em relação à leitura e a cultura e verificar como está sendo discutido essas ferramentas significativas na formação do sujeito aluno.

A Literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada é mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outros em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2011, p.17).

Cosson coloca a literatura como um elemento a mais no processo de formação humana e social, não se deve propor o ensino de literatura apenas como um componente do ensino básico, o trabalho com a literatura deve ir além, transpor os muros da escola. O gosto pela leitura, muitas vezes está associada a prática de leitura, o hábito de ler como uma cultura familiar. Não podemos dizer que nossos jovens e adolescentes não leem ou lêem pouco, o que devemos questionar é, sobre o que estão lendo. Eis aí o grande ponto a ser discutido e refletido. Qual tem sido o papel da literatura na formação desses jovens leitores? Qual a importância da leitura literária em suas vidas? E qual a função do professor enquanto leitor? Um fator relevante colocado por Roxane Rojo (2000), é a importância de o professor ser um de fato um leitor em evidência, alguém que participa diretamente do processo, não apenas como mediador, mas como referência para os futuros leitores.

Os PCNS insistem que a formação do leitor e escritor só será possível na medida em que o próprio professor se apresenta para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura e da escrita. O professor, além de ser aquele que ensina conteúdos, é alguém que transmite o valor que a língua tem demonstrado para si. Se o professor tem relação prazerosa com a leitura e a escrita certamente poderá funcionar com medidas para seus alunos (ROJO, 2000, p. 66).

Em um tempo em que tudo é imediatista e urgente, o jovem-adolescente mais que ninguém tem pressa de tudo, conectados quase que 24 por dia em redes sociais, como fazer para chamar a atenção deste aluno para perceber a essência de um texto literário? Como inserir a leitura em suas vidas escolares e cotidianas? São muitas as indagações que precisamos refletir enquanto professor de linguagens e literatura, embora saibamos o que precisa ser feito, há uma dura realidade que nos faz ver que esse caminho não é fácil. Numa época em que poucos sentam para ler um texto por inteiro, pedir a um aluno que leia um livro por inteiro, é algo delicado, é um terreno que precisa ser preparado com cuidado e delicadeza, além de outros instrumentos de fortalecimento da linguagem.

3.1 A Formação do leitor literário

A proposta do ensino de literatura no ensino fundamental, surge como proposta de ampliação do leque de possibilidades de leitura no ensino da linguagem, uma vez que a literatura não pode estar sendo ensinada isoladamente do ensino de língua, bem como, o ensino de gramática não pode substituir o ensino de língua materna, são equívocos que devem ser evitados. Para tanto, devemos entender que o ensino de literatura, difere em alguns aspectos do ensino de linguagem, para isso, precisamos ficar atentos a formação desse leitor, que de certo modo, o texto literário exige do seu interlocutor um grau de sensibilidade maior, mais habilidades de subjetivação e maior eficiência na interpretação e compreensão do texto lido. Paulino (1998) relata sobre a formação do leitor literário da seguinte forma:

a formação de um leitor literário significa a formação que saiba apreciar construções e significações, tem de saber usar estratégias verbais de cunho artístico, que faça parte de seus afazeres e prazeres. Esse leitor tem que saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, discursividade, recuperando a criação de linguagem (PAULINO, 1998, p.8).

O leitor literário é aquele que completa lendo, o processo de criação. É aquele para quem o texto escrito pulsa como um horizonte infinito de possibilidades imaginativas, ricas e poéticas como as possibilidades sentidas pelo escritor ao produzir literatura, ficção, prosa e poesia.

Quando nos referimos sobre o ensino de literatura, precisamos ter a sensibilidade de perceber que não se trata de um texto como qualquer outro, mas de um texto de qualidades diferentes. Diferentemente do texto informativo de linguagem utilitária, a função da literatura

intrínseca no texto vai muito além do ato de informar ou simplesmente da linguagem pela linguagem. Vejamos o que diz as autoras BORDINI E AGUIAR(1988) em um artigo publicado com o título *A formação do leitor: alternativas metodológicas*

todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. O texto literário se vale da imitação genérica constituída pelos símbolos linguísticos, e atinge, sem dúvida, um plano de significação (BORDINI e AGUIAR, 1988. p.13).

O texto literário é carregado de significações, de linguagem que figura entre o real e o irreal, diferenciando assim de outras leituras. As duas formas básicas do texto literário prosa e poesia devem ser estudadas a partir e através da leitura em sala de aula, lendo e comentando o texto lido. Vai se aos poucos conhecendo o que é específico, o que é particular desse tipo de texto. Seus elementos essenciais, suas características mais marcantes, aos poucos o leitor vai desvendando o texto, a linguagem, o mistério, até extrair dele sua função criadora.

Com essa ideia de visão de conjunto, parte-se então para um estudo mais apurado da literatura, autores, traços literários percebidos nos discursos recorrentes em salas de aula, linguagem literária, períodos e gêneros, aos poucos o discente encontrando nesse mundo tão rico e delicado. O leitor literário vai obtendo informações de que precisa para fazer uma leitura proficiente, em que a compreensão se torna possível, informações extraídas do próprio texto e informações externas, lhe dá uma base para que possa interagir com o texto, com o autor e com o espaço em que está envolvido, neste caso em específico, a sala de aula. Essa é a proposta inicial do projeto literário em discussão.

Para se formar leitores literários, é preciso conviver com a literatura, o professor formador, precisa ser um leitor eficiente, não basta indicar leituras, precisa ter leituras, ser esse leitor que almejas para o aluno. Ele, o aluno, precisa sentir segura naquele que o inspira a ler. O primeiro passo para a formação de um leitor literário é o acesso a literatura, a textos, livros, poemas. Sonetos que encantam a alma, romances que nos faz conhecer as mais encantadoras histórias de amor, epopeias com seus heróis, gigantes e navegadores. Enfim, o leitor precisa entrar nesse mundo, sentir a emoção de ler um texto e compreender o que leu. Compreender que a literatura carrega em sua linguagem a capacidade de emocionar, encantar e formar, entreter e ao mesmo refletir sobre a existência humana e suas diferenças culturais.

A literatura é um mundo feito de palavras carregada de símbolos que ao longo do tempo tem inspirados homens e mulheres a lutar por uma sociedade mais justa, fraterna e solidária.

3.2 A importância da formação cultural e literária

A literatura não deve ser vista apenas como uma disciplina escolar, embora para muitos ainda seja vista desta forma. Ela é uma área de conhecimento de suma importância para formação humana, não apenas pela condição de ser uma Arte com função lúdica, mas pela condição de formação social, cultural e humana. O texto literário tem muito a contribuir para o desenvolvimento social do sujeito aluno, assim como, na sua vida escolar. Vai muito além de sua função artística, cognitiva e de linguagem.

O ensino de literatura, como base norteadora de pensamento deve encarar o desafio de discutir a diversidade de gêneros e a pluralidade cultural, questões que nos remetem a igualdade de homens e mulheres, e ao mesmo tempo suas diferenças enquanto seres pensantes e autônomos. Os seres humanos são muito diferentes, variam na cor da pele, na altura, na cor e na forma dos olhos, no cabelo, no sexo e em muitas outras características físicas e de pensamento. As crenças, as religiões, os valores éticos, os modos de se estabelecer na natureza, os modos como cada um assume seus papéis como homem e mulher na sociedade e muitos outros aspectos que o define sua forma de organização na vida social.

A afirmação do homem sobre a natureza é o que define de fato o conceito de cultura, a definição do seu espaço na sociedade que define sua identidade cultural em meio a todos outros seres vivos. A cultura representa uma afirmação dos seres humanos sobre a natureza. Onde há cultura a natureza é modificada e apropriada pelos homens conforme fins de ordem simbólica. De fato, homem se apropria do espaço natural e aos poucos transforma-o de acordo as suas necessidades, não apenas as necessidades materiais, de ordem biológica, mas também as de ordem simbólica, as que o define como um ser cultural de identidade adquirida. O filósofo e antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1990), chama atenção para a questão das diferenças culturais e discorre sobre o fenômeno de uma cultura querer se impor sobre a outras, ele chama a isso de etnocentrismo – essa convicção de nossos costumes ao centro irradiador e exclusivo de toda e exclusivo de toda civilização. De fato, a tendência a considerar quem é diferente de nós como selvagem, bárbaro. Esse pensamento é antigo, não se limita somente aos preconceitos que europeus manifestaram em relação a nativos de terras desconhecidas.

Diante de tais colocações, é preciso compreender a proposta de trabalho com o ensino de literatura na escola de ensino fundamental como uma disciplina norteadora, de formação social e cultural e com isso realizar um trabalho de caráter investigativo sobre a ação da cultura e da literatura na vida dos alunos, suas contribuições na formação social e cultural do leitor literário no ensino fundamental.

Apesar das mudanças ocorridas e dos esforços em prol da formação de leitores no ensino fundamental, a escola tem tido pouco êxito na formação de leitores competentes na escola de educação básica. Devemos sempre ter em mente que o gosto pela leitura não está diretamente ligado ao que se lê na escola, modelos pré-estabelecidos pelas instituições formadoras. A leitura indicada na escola, muitas das vezes, é lida por exigência do professor, outras leituras são feitas fora dela, estas, por outras indicações, ou mera curiosidade. No âmbito da leitura na escola, a escritora Vera Maria Tietzmann Silva (2009), cita uma fala da professora Maria de Fátima Cruvinil sobre o ensino de literatura na escola:

Apesar de configurar como parte integrante da disciplina da língua portuguesa, o gênero literário não pode ser tomado como conteúdo programático a ser ensinado. A atividade de leitura de se colocar como uma provocação, para que o leitor, diante do texto, ou seja, dos conflitos, das personagens, de suas experiências, de seu universo, de tudo que lhe revela sua humanidade, possa se colocar frente a si mesmo, na medida em que se depara com a vida do outro, ou se sente tocado pela subjetividade alheia, considerando também a experiência do gênero lírico, por exemplo. (VERA M. TIETZMANN 2009. p. 29)

A leitura literária na escola, não pode ser tida como única e exclusiva forma de leitura, deve servir como base inicial, como formação e incentivos a outras leituras. As narrativas ficcionais, por exemplo, o leitor é convidado a viajar por universos desconhecidos, por espaços ainda não explorados por ele, a fruição da imaginação e da fantasia, devem ser aguçadas o que o leva a vivenciar novas emoções, novas, histórias que lhe dão a oportunidade de vivenciar novas situações de aprendizagem que lhe podem ajudar a lidar com dilemas da vida real e com suas próprias emoções.

Ensinar literatura, não apenas ensinar a ler, fazer o aluno ler uma série de textos, estudar períodos, nomes de autores datas históricas. A literatura vai muito, além disso, é revelar ao aluno o caráter atemporal da obra, sua função catártica e social. Para que a leitura literária se desenvolva com proficiência, a escola precisa proporcionar ao aluno o letramento cultural e literário, ser dotado de uma certa “bagagem cultural” ou repertório cultural e linguístico de que compõem as narrativas e a poesia, assim como os outros gêneros que fazem parte da literatura.

Dentro desta perspectiva didático-pedagógica, desenvolvemos diversos projetos e atividades voltadas para as práticas de leituras e letramento cultural, tais como: oficinas de leituras, rodas de leituras compartilhadas, cinema na escola com sessões de filmes com aproveitamento didático, sarau literário e outros eventos que propusessem um diálogo mais inerente com o texto literário, a diversidade cultural e a identidade na amazônia.

A escola em que trabalho e escolhi para desenvolver o projeto de intervenção adotou como prioridade a partir do ano de 2017, a formação do leitor literário como base norteadora para a melhoria na qualidade do ensino e as habilidades individuais do aluno, pressupondo assim, que a contribuição da leitura literária poderá de forma significativa contribuir na formação do sujeito-aluno e na formação humana e profissional do mesmo.

Além de um repertório cultural e linguístico o leitor literário precisa conhecer e aprofundar nos diversos gêneros da literatura que permeia no universo literário, os discursos e os mais diversos tipos de narradores.

A literatura e a cultura, segundo Candido (1995), são bens imprescindíveis inerentes a todo ser humano

chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, 1995. P. 176).

Ao perceber a literatura desse ponto vista, amplia o nosso horizonte de criação e fruição nos faz entender a literatura como qualquer criação poética, e assim também como uma manifestação universal inerente a todos os homens, independentemente de qualquer distinção. A literatura desenvolve em nós a sensibilidade de nos tornar mais humanos, reflexivos, críticos e abertos a novos olhares com a capacidade de conviver com as diferenças, ter o respeito a cultura alheia e o respeito às identidades constituídas na fronteira.

Diante das condições humanas, a literatura é um bem cultural e um direito de todos o acesso a ela nas mais variadas formas de representação. A este respeito Candido (1990), nos diz que é fundamental o ponto de vista de um grande sociólogo francês, o dominicano Padre Louis-Joseph Lebret, fundador do movimento Economia e Humanismo, com quem ele afirma ter convivido e que atuou muito no Brasil entre os anos de 1940 e 1960.

Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas extra. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis... São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. Mas a fruição da arte e da literatura estaria mesmo nesta categoria? Como noutros casos, a resposta só pode ser dada se pudermos responder a uma questão prévia, isto é, elas só poderão ser consideradas bens incompressíveis segundo uma organização justa da sociedade se corresponderem a necessidades profundas do ser humano, a necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora. A nossa questão básica, portanto, é saber se a literatura é uma necessidade deste tipo. Só então estaremos em condições de concluir a respeito (CÂNDIDO, 1990, p. 175).

Antônio Candido chama a atenção para aquilo que é visto como direitos essenciais na vida ser humano, e para isso nos traz a fala do sociólogo francês Padre Louis-Joseph Lebret, indagando sobre o perigo de se ter em mente quem faz essas definições do se é imprescindível a vida humana, o que é compreensível e o que é incompreensível. A literatura como expressão da arte da palavra e a cultura pode ser vista como bens indispensáveis à vida humana? Provavelmente não teremos essa resposta facilmente, mas o que podemos dizer é que a cultura e a literatura é um direito inerente a todos é nosso dever enquanto professores de linguagens fazer com esses bens se chegue até nossos alunos da forma mais honesta possível, sem distorção dos fatos, sem pré-julgamento de valores.

A literatura contribui, acima de tudo, na formação humana e indenícia firmando o homem como um ser cultural e que tem o domínio sobre a natureza. O direito à cultura e a literatura não pode e não deve ser negado a nenhum dos povos, não só o direito, mas o respeito às mais diversas formas de manifestações culturais. Bhabha (2013) nos alerta para a cultura da diferença, aquilo que não conhecemos, muita das vezes nos causa estranhamento e repúdio por ser diferente da nossa

cultura migrante do “entre lugar”, a posição minoritária, dramatiza a atividade da intraduzibilidade da cultura; ao fazê-lo, ela desloca a questão da apropriação da cultura para além do sonho assimilacionista, ou do pesadelo racista, de uma “transmissão total de conteúdo”, em direção a um encontro com o processo ambivalente de cisão e hibridização que a marca a identificação com a diferença da cultura (BHABHA 2014, p. 35).

Ao discutir cultura na escola, não se pode deixar de se ter em mente que a importância cultural vai além de conceitos preconizados de cultura impostos por uma parte da camada social, que determinou o que é importante e o que não é para o restante da camada menos abastada da sociedade, que historicamente teve seus direitos negados. Bhabha (2013) escreve sobre o que Fanon pensa a respeito

Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Mas ele está consciente demais dos perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação de culturas para recomendar que se lacrem “raízes” no romanceiro celebratório do passado ou na homogeneização da história do presente. A atividade negadora é, de fato, a intervenção do “além” que estabelece uma fronteira: uma ponte onde o “fazer-se presente” começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a relação do lar e do mundo – o estranhamento [junho manliness] – que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais. Estar estranho ao lar [unimed] não é estar sem-casa [homoleless]; de modo análogo, não se pode classificar o “estranho” [unhomely] de forma simplista dentro da divisão familiar da vida social em esferas privada e pública (BHABHA 2014, p. 31).

A importância do respeito a cultura do outro começa pela condição de reconhecer o outro como um ser diferente, de hábitos diferentes, costumes, crenças e valores. “a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas” (BHABHA, 2014. P, 32). A contribuição da escola e do ensino de literatura, torna-se relevante e contribui para tal afirmação, ao passo que discutem em sala de aula textos que valorizem a cultura Amazônica, indígena, quilombola, ameríndia, o modo de vida e de ser do ribeirinho, leituras que na maioria das vezes, não estão inseridas no currículo oficial da escola, mas que pode e deve ser incorporada ao processo de formação dos alunos leitores. Isso faz com que não perca de vez suas identidades, que não sejam suprimidas suas raízes e reconheça a cultura dominante como única e melhor. Ao se trabalhar o letramento cultural e a formação do leitor literário na escola de ensino fundamental, é crucial que seja refletido sobre essas hipóteses, também deve se ter o cuidado de discutir sobre o perigo da ideia de identidade fixa, implantada por séculos de cultura colonialista e dominadora. no próximo

capítulo, faremos uma reflexão mais aprofundada sobre a pesquisa e a intervenção realizada em sala de aula.

4. REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA E O PROJETO DE INTERVENÇÃO

Este capítulo, aborda a metodologia e os aspectos didáticos referente a pesquisa que resultou nesta dissertação, bem como o projeto de intervenção desenvolvido em escola pública. Participaram da intervenção 28 (vinte e oito) alunos do 9º ano do ensino fundamental. Utilizou-se as técnicas de coletas de dados questionários, entrevistas e observação. Durante a intervenção, questionou-se as formas de saberes culturais e literários e as vozes dos alunos foram ouvidas em sala de aula. Na intervenção, optou-se pelas técnicas Rodas de conversas, bate-papos de leituras, debates e por fim, executou-se a oficina de textos.

Antes de discutir sobre didática e metodologias para o ensino de literatura, faz-se importante apontar aspectos preliminares relevantes, das quais fizeram parte na confecção dos materiais e elaboração da intervenção e das oficinas. Os aspectos concentram-se em três questionamentos, antes mesmo de iniciar qualquer movimento de caráter pedagógico

O primeiro é as finalidades e objetivos do ensino de literatura. Todorov (2009) afirma que é preciso indagar-se: “ensinar literatura para quê? Essa pergunta conduz a outras, como ensinar literatura? “Técnicas e finalidades estão unidas”? Objetiva-se aumentar o nível cultural dos alunos? Mas de que cultura se trata? Formação de leitores? Cooperar para formação de identidades individuais ou discutir a formação de valores conjuntos e a elaboração de uma comum, nacional e sentimento de pertencimento a essa cultura, esse sentimento deve ser construído através da leitura e da formação sociocultural do aluno.

O segundo ponto relevante, reporta-se a definição da literatura, ou seja: que literatura deve ensinar? Literatura canônica, texto contemporâneo, literatura marginal, indígena, africana, literatura popular, oral ou escrita (impressa)? A escolha dos textos é um processo delicado para a concretização desse ponto. Selecionar fragmentos de textos ou obras completas? Essas observações de diferentes diretrizes da literatura intervêm e torna complexo o ensino de literatura.

O último ponto relevante, trata dos avanços e as novas teorias que configuram um novo cenário que reflete no ensino de literatura e suas diretrizes para a educação básica.

Observando esses pontos, a partir das perspectivas metodológicas, conduz-se às práticas de leituras e eventos culturais capazes de atrair o leitor e lançar o desafio de novas descobertas

através da leitura selecionada, cujo propósito é o de formar leitores eficientes e curiosos, que mergulham no texto em busca de novas descobertas e de novas aventuras.

4.1 A escolha das obras: Qual literatura ensinar?

O processo de planejamento da intervenção e das oficinas de leituras, requer uso de técnicas e estratégias metodológicas adequadas para alcançar os objetivos construídos. A escolha das obras para a intervenção e as oficinas foi determinante para um resultado adequado, que contribuiu na formação de leitores. O ensino de literatura na escola, o currículo e as direções oficiais escolhem obras e textos numa determinada lista que possam ser lidos em sala.

Três fatores importantes foram levados em consideração na elaboração da proposta de intervenção e a realização das oficinas de leitura em sala de aula. Foram, a diversidade genérica, diversidade histórica e a diversidade geográfica. A diversidade genérica diz respeito a variedades de gêneros textuais escolhidos, confrontar gêneros tradicionais como, romances, teatro, poesia, ensaio com os novos gêneros: auto ficção, história em quadrinhos, *fanfictions* e outros crescentes gêneros novos.

O fator diversidade histórica mescla obras canônicas que refletem os valores e os estilos de uma época e de um tempo com obras contemporâneas, que representa as mudanças de valores e costumes que lança um olhar sobre o hoje.

A diversidade geográfica representa na literatura as diferentes culturas e literaturas nacional e estrangeira, as obras épicas traduzidas para o presente e por demonstrarem o grande valor das culturas ancestrais. No entanto, as obras nacionais de valor simbólico na construção identitária do leitor, obras de autores amazônicos são contrapostas com obras estrangeiras na intenção de discutir a diversidade cultural e compartilhar a simbologia de um olhar universal.

Provocar é o desafio, os jovens demonstram pouco interesse pela literatura, como a sociedade moderna de modo geral. A mídia tem reduzido à literatura ao mercado do entretenimento, enquanto a universidade se esforça para transformá-la em saber especializado. As duas contribuem para o enfraquecimento ou até a morte da literatura, segundo Todorov (2007) e muitos outros historiadores e sociólogos. A literatura reduzida a objeto de diversão ou a um saber especializado, se torna quase inútil, mas não sabemos muito bem os problemas que a ausência da literatura pode causar na vida pacata e banal de um leitor comum, se esse leitor lançar-se na leitura, na obra certa, talvez nunca mais será o mesmo ser, embora, no mesmo corpo, com o olhar diferente em relação ao mundo e as pessoas. Por isso, a escolha da literatura

se faz tão importante quanto ao ato de ler. O desafio é o de provocar no leitor o gosto pela leitura, de contribuir para a construção identitária e da formação de sua personalidade.

Assim, a leitura representa para o sujeito, acontecimentos novos que o coloca em um abismo de interrogação e perguntas sem respostas diante de questões universais existenciais tais como: amor, desejo, traição, sofrimento, paixões, morte, solidão, etc. Isso pode provocar no leitor um impacto emocional, é esse impacto que contribui para a transformação suscitada pela literatura, a literatura que deve estar presente, literatura que transforma, daí então, o cuidado na escolha das obras e com a literatura escolhida.

4.2 Objetivos do projeto de intervenção: apresentação e discussão dos resultados

- Identificar no discurso do aluno aspectos sociolinguísticos que revelem a leitura literária como agência de letramento emergente;
- Identificar nos discursos de sala de aula a prática do hábito da leitura de gêneros diversos da literatura;
- Discutir os diálogos verbais, a leitura, textos, livros, o posicionamento do aluno enquanto sujeito leitor, acerca de como se veem como leitores acionados, a partir da abordagem enunciativo-discursivo;
- Contribuir para a compreensão das singularidades dos textos para o leitor refletir sobre práticas sociais da linguagem oral e escrita em contexto social e cultural, dentro e fora do ambiente escolar, provocando efeito de engajamento na configuração dos agentes sociais do letramento cultural.

4.3 Perguntas orientadoras

- Quais são os usos sociais da linguagem presentes no dia a dia dos alunos, dos quais permitem caracterizá-los como agentes de letramento cultural?
- Quais são as marcas singulares de letramentos culturais presentes nos discursos dos participantes que permitem identificar características de leitores?
- Qual é o tipo de literatura que pode-se abordar? Literatura de resistência, a partir do perfil dos alunos envolvidos e sua vivência na comunidade?

- Como os participantes atribuem sentidos aos textos lidos, interagem na comunidade, produzem movimentos de identificação e contribuem para o letramento cultural?

A formação literária e cultural consiste numa série de estratégias e metodologias que devem ser aprimoradas e observadas detalhadamente, levar em conta o perfil da turma de alunos para a elaboração e execução de um projeto de literatura. A identificação do perfil do alunos leitores foi importante para a coleta dos dados. As oficinas de leituras foram realizadas no total de 6 horas aulas de 45 minutos, dias distintos. Nas oficinas, desenvolveu-se práticas de leituras de gêneros variados com o objetivo de identificar características dos leitores.

O questionário foi elaborado com 21 perguntas que possibilitaram a identificação dos leitores, por se tratar de alunos do ensino fundamental, as perguntas foram objetivas (modelo do questionário em anexo no final do trabalho).

O questionário foi respondido por 28 alunos do 9º ano C, da escola municipal Maria da Glória Rodrigues Paixão, as questões visavam identificar as características singulares dos leitores, a vida social na comunidade. Após os alunos responderem o questionário, os dados foram analisados e os resultados contribuíram para o planejamento das oficinas de leitura. As perguntas foram relativas à leitura e sobre o universo dos alunos. Já leu algum livro? Que tipo de leitura ele gosta de ler? Qual material usar como suporte? Entre outras perguntas relacionadas ao objetivo das oficinas de leitura. Seleccionamos algumas perguntas que serviram de base para diagnosticar o perfil da turma, e o comportamento dos alunos sobre as leituras literárias.

Eis algumas das perguntas contidas no questionário

- 1. Você se considera um bom leitor?
A maioria respondeu não, uma pequena parcela disse que sim, em torno de 10%. Outros disseram que leem alguma coisa, textos curtos, rede sociais, (facebook, de WhatsApp, etc.)
- 2. Quantos livros você ler em média por ano?
Nenhum, um ou mais, nunca leu um livro todo
- 3. Qual o material de leitura que você mais utiliza?
A maioria redes sociais, sala de leitura da escola,
- 4. Você gosta das aulas de leitura e Literatura?

Alguns disseram que sim, outros acham chato, a maioria tem dificuldades com leitura e compreensão

Os alunos entrevistados afirmaram que não se considera um bom leitor, leem uma coisa outra esporadicamente, nunca leram um livro por inteiro. Alguns alunos responderam que consideram a leitura algo chato e cansativo, preferem jogos eletrônicos, filmes, desenhos ou ouvir músicas do gênero funk. Questionados sobre o suporte de leitura que os alunos utilizam, a maioria respondeu que não tem acesso a material impresso ou faz uso de livros ou revistas na biblioteca da escola ou da sala de leitura. Alguns alunos utilizam o celular (internet) para realizar leituras, gostam de textos curtos com poucas palavras, por não possuir o hábito de leitura. Sobre o gênero textual que os alunos mais gostam (curtem), os meninos responderam que preferem preferiram ficção científica, romance policial e aventuras. As meninas gostam de histórias românticas, de príncipes e plebeias, princesas encantadas. Outro gênero de grande destaque entre os meninos foi a crônica e os contos de horror e mistérios, muitos disseram que nunca leram uma obra completa, havia alguns que se consideram leitores, havia lido mais de um livro por ano. Questionados sobre a importância da leitura e da literatura na escola, os alunos consideraram importante e que deveria ter mais tempo para leitura e programas culturais, outros, uma boa parte, disse que não gostava de ler e considerava literatura chata e complicada de entender (que não entendia nada, se referindo ao gênero poesia).

Mediante as respostas dos alunos, foi possível devolvermos o projeto de intervenção. A proposta da intervenção como projeto de leitura e as oficinas para a turma de 9º ano do ensino fundamental, levou-se em consideração o poder que a literatura tem de incentivar a formação de novos leitores e a percepção sobre o mundo, a partir de situações retratadas nos livros pelas personagens descritas pelos escritores e poetas. Para Cosson (2011), existe uma forte relação das experiências vividas na literatura com experiências reais, o autor recria através de uma realidade simbólica, reelabora aventuras vividas no cotidiano de cada leitor, nas obras lidas, isso faz com que o leitor se identifique com uma outra obra literária, e levá-lo ao prazer de ler uma obra literária e ter o cuidado na escolha da obra..

A literatura incentiva o desejo, é uma experiência para ser realizada, é um conhecimento para ser reelaborada, a incorporação do outro em nós, sem renunciar a nossa própria identidade. “No exercício da literatura, podemos ser outros, viver como outros, romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência, sermos nós mesmos, interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção” (COSSON, 2011, p. 17).

Discutir o lugar do homem na natureza, sua posição, a interferência do homem junto a natureza pode contribuir na determinação do processo de desenvolvimento cultural. O domínio sobre o espaço geográfico, demonstra a posição do homem no espaço social. Então, a cultura é a expressão de uma afirmação do homem sobre a natureza. Assim, o aluno pode descobrir após a leitura de textos, personagens, entre outros e descobrir sobre si mesmo e sua identidade, como sujeito pertencente a comunidade escolar e local.

“A experiência literária, nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. A ficção feita pela narrativa e a palavra feita pela matéria poética são processos formativos da linguagem do leitor e do escritor” (COSSON,2011, p.17).

A formação de novos de leitores, a busca por espaços para a literatura na escola, a falta de bons leitores, a importância ou irrelevância dada a literatura contribui para o ensino de literatura nas escolas públicas continue a margem do currículo escolar, colocando-a em segundo plano. Todorov (2009) alerta para esse fenômeno, afirma que não é recente.

“A forma como a literatura é oferecida aos jovens nas escolas e faculdades contribui para escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou criação poética. Estudantes não entram em contato com a literatura por meio de textos literários e sim através de teorias ou de histórias literárias”(TODOROV, 2009, p.10).

O desafio que a literatura enfrenta não está na falta de produção de boas obras, de bons escritores e poetas, do contato do estudante com a literatura ou a forma como ela é oferecida aos jovens nas escolas públicas e nas faculdades. O desafio está em sair da superficialidade do texto, e produzir diálogos diretos com o autor e a obra, talvez assim, o espaço da literatura na sociedade e nos meios acadêmicos possa convergir em função de melhorias na qualidade do ensino de literatura.

4.4 Projeto de intervenção: apresentação, reflexão e avaliação

Esta seção trata sobre o projeto de intervenção aplicado em sala de aula que contribuiu para a produção de material de estudo e reflexão docente na formação cultural do leitor literário, e parte integrante no processo de investigação e análise dos dados que compuseram esta dissertação de mestrado.

Por meio do projeto de intervenção, discutiu-se e analisou-se a formação cultural e literária do sujeito-aluno no processo de ensino aprendizagem. A aplicação da intervenção em

sala de aula, promoveu discussões metodológicas acerca do espaço da cultura, leitura e literatura na escola e na sala de aula, frente aos currículos escolares.

A discussão desses elementos, no ambiente escolar, foi importante para ratificar o processo de leitura de obras literárias como objeto formador de pensamentos críticos e respeito às diferenças. É preciso ver a escola como um lugar das diferenças, culturas híbridas e de agentes diferentes, romper com as barreiras do preconceito e ver a fronteira como um lugar de início e de término.

A escola é um espaço multicultural onde, pessoas podem se ver como indivíduos, local onde as culturas se entrelaçam. Cada indivíduo se identifica por características e se insere em um determinado grupo social ou comunidade. A cultura é híbrida, não é desenvolvida por traços puramente únicos, a cultura está no interstício, entre fronteiras, onde as diferenças se fundem formando novas culturas e novas identidades. Para Bhabha (2014),

o poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidades, transforma-se no processo de inter-relação simbólica, o tecido da ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas e a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta. (BHABHA, 2014, p 23).

Cada sujeito está em uma comunidade sob a perspectiva intersticial. As diferenças culturais contribuem para os agrupamentos sociais e o sentimento de aceitação é compartilhado por características identitárias. “É perigoso pensar nesses casos como categorias monolíticas e fixas. Ao acolher a diferença, existe a possibilidade de surgimento de novas culturas, sem a suposta hierarquia de uma cultura dominante” (BHABHA, 2014, p. 22).

A escola do século XXI deve priorizar a leitura e desenvolver durante o processo de formação do sujeito leitor, momentos prazerosos, com significados, e produz o desejo, ânsia por aprendizagem e leitura, sendo isso atividades que necessitam serem exercitadas.

“A educação teria completado a sua missão se conseguisse despertar o prazer de ler nas crianças” (ALVES, 2001, p. 27). A leitura poderia ser realizada pelo gosto de ler. Segundo o autor, deveriam ocorrer concertos de leitura, como existem os de pianos, cujo intuito é o de entreter os sentidos e aguçar a imaginação – algo que os bons textos são capazes de fazer. Para que o aluno se constitua como leitor, é preciso possibilitar-lhe vivências que permitam o contato

com obras de literatura, seja nos objetos livro ou nas ferramentas digitais, a literatura é um campo fértil para a imaginação e para a criatividade. Direcionar o olhar para o outro e para o universo que nos circunda, é imprescindível. A criança que ouve uma história, mobiliza vários sentidos relacionados aos campos cognitivos. O contato com a língua escrita, vocabulário, enredo, manuseio dos livros, com a literatura infantil, a criança desenvolve habilidades cognitivas, a leitura gratuita possibilita que a criança desenvolva pensamentos lógicos.

A segunda etapa da intervenção, constitui-se da execução das oficinas de leituras. Uma ação desenvolvida foi roda de conversa. Os alunos formaram um círculo na sala de aula, o professor foi questionando os alunos sobre o universo literário na sala de aula e na escola, e ressaltou a importância da literatura na vida de cada sujeito-aluno.

A prática da literatura, pela leitura ou a escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita. Por essa exploração o mundo (é) construído pela força da palavra e a literatura revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito no mundo da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada, e se constrói um modo próprio de fazer a linguagem de todos (COSSON, 2016, p. 16).

A formação cultural e literária do aluno de ensino fundamental não pode ser pautada, apenas nos textos históricos, datas, estilos literários, fechando-se nos cânones, eximindo-se das discussões que possibilita ao aluno de apropriar-se do texto e dialogar com autores que usam uma linguagem adequada ao cotidiano do aluno e comunidade. Para alcançar o objetivo desse contexto, é necessário discutir teorias de autores como Bhabha (2010), Fanon(2008), Compagnon(2001), Benjamin(1994), Perloff (2013), além daqueles que teorizam sobre a importância da literatura e o letramento cultural nas escolas, entre eles, Cândido(1995), Cosson (2011), Todorov (2009), Colomer (2003).

Para contribuir na formação de leitores, parte-se do princípio de seguir etapas, por exemplos, ouvir e ler histórias. O mercado editorial brasileiro possui acervo de literatura infantil, infanto-juvenil e vários tipos de literatura para todos os tipos de públicos. Atualmente, autores e ilustradores conseguem se manter e ter o reconhecimento deste trabalho no cenário nacional e também internacional. A literatura é uma área que está despontando no mercado editorial devido aos incentivos, ações e fomentos particulares e/ou governamentais, como o Programa Nacional do Livro Literário- PNLL. Diante deste contexto e no convívio com a

literatura, obras de autores amazônicos estão com edições esgotadas e poucos conseguem adquirir por falta de acesso às obras. Valorizar autores paraenses e amazonenses é um traço importante dentro da literatura.

O projeto de intervenção fomentou ações para estimular a formação de leitores a partir das leituras das obras de autores amazônicos. Realizou-se diálogos com professores da área de linguagens e suas tecnologias para contribuir com orientações nas ações de estímulos para novos leitores, por meio das técnicas contações de histórias orais e digitais, e buscas em sites da internet, realizou-se leituras em meio digital. Com isso, observou-se que os recursos digitais contribuem para a formação do sujeito leitor.

O projeto de intervenção constituiu-se de uma oficina de textos dividida em três módulos, subdivididos em leituras orientadas em sala de aula, filmes, teatro, músicas, poesia e obras completas. Para formar leitores críticos, proficientes, forma-se por meio da quantidade de leitura e pela qualidade das leituras que se faz. O professor precisa valorizar e manter o interesse por diferentes gêneros textuais, variados suportes e com finalidades múltiplas. Para priorizar a qualidade da leitura, nas oficinas, optou-se por textos curtos e submetendo-os à prática de leituras e técnicas a serem aprendidas e familiarizando-se com a linguagem dos textos, adquire-se habilidades de reagir criticamente diante da leitura feita e capacidades de refletir sobre o texto literário.

4.5 Práticas metodológicas de leituras em sala de aula

A metodologia de leitura aplicada não difere muito dos métodos de leitura, embora os resultados sejam diferentes, devido à natureza dos textos lidos, tratando-se de textos literários, portanto, posturas diferentes diante das leituras realizadas.

Durante a oficina, no primeiro momento, iniciamos com a preparação para leitura, conversamos com os alunos para sensibilizá-los e prepará-los emocionalmente para o tema “A Formação do leitor literário na Escola”. Exploramos elementos interessantes para os alunos, do texto como fenômenos semânticos e pragmáticos da leitura (interlocutores, propósito, suporte, contexto de produção e recepção). Os conhecimentos prévios dos alunos foram valorizados, isso contribuiu como motivação e aguçamento da curiosidade. A leitura foi realizada pelos alunos por meio do livro, examinamos os aspectos paratextuais: capa, texto da orelha do livro, ilustração, sinopse e outros elementos que podem ser usados como ambientes motivadores e orientadores da expectativa de leitura. Os alunos tocaram, sentiram, manuseou,

folheou o livro. Na realidade local, não havia livros suficientes para todos os alunos, optamos pelo texto avulso e o número limitado no acervo.

No segundo momento, propomos a leitura silenciosa, vista atualmente como um dos modos eficientes de leitura. Em seguida, sugerimos a leitura em voz alta de poemas, esse tipo de leitura exige atenção e esforço do leitor. Nesse segundo momento, o aluno avança de acordo com o seu próprio ritmo. O aluno atribui sentidos ao texto lido, entra em interação e é motivado pelas orientações do mediador. Aprende a compreender o texto, consegue destacar pontos relevantes, estabelece relações com outras leituras, formula opiniões próprias.

No terceiro momento, fizemos a leitura compartilhada dos textos, individual e em grupos. Os alunos realizaram reflexões sobre as leituras e participaram com intervenções sobre o texto.

A metodologia utilizada para a realização das oficinas foi baseada na proposta de Filipouski (2006), composta por nove procedimentos metodológicos, sendo: (i) abordar diferentes habilidades; (ii) propor leituras de gêneros variados; (iii) planejar leituras progressivamente mais complexas; (iv) apresentar bons exemplos de leitura em colaboração; (v) realizar releituras; (vi) demandar leitura extensiva e espaço para discussão; (vii) oportunizar leitura individual supervisionada; (viii) estimular a leitura recreativa por meio de contratos de leitura; (ix) promover momentos de síntese das aprendizagens. A proposta de Filipouski (2006) encontra-se nos anexos desta dissertação.

4.6 Aspectos didáticos e metodológicos do projeto de intervenção

A contribuição da leitura literária pode definir de forma significativa sua formação humana e social, nessa perspectiva, realizou-se um estudo inicial exploratório e qualitativo para perceber as contribuições da cultura e da literatura para a vida do aluno e a formação na escola de ensino fundamental.

Os objetivos foram identificar o perfil dos alunos leitores e descobrir aqueles que mais se identificava com a leitura literária. Para esse primeiro momento, utilizamos três aulas. Aplicamos questionário para 28 os alunos do 9º ano c, às questões visavam identificar os sujeitos leitores na escola, e sua experiência com a leitura. Todos os alunos participaram do questionário e posteriormente das oficinas de leituras.

4.6.1 Oficinas de leituras

Oficinas de leituras aproxima alunos a textos e autores de diversos gêneros, por exemplo romance, poesia, crônicas, contos amazônicos e músicas. Escolheu-se autores de estilos literários e épocas diferentes, Eneida de Moraes, Milton Hatoum, Luís Fernando Veríssimo, com objetivo de estimular a formação de leitores, destacou-se textos e obras de autores brasileiros com ênfase na literatura de caráter amazônico. No momento de realização da oficina, buscou-se por autores brasileiros e leituras de fácil compreensão, adequadas ao nível dos alunos de ensino fundamental. Outro aspecto priorizado no planejamento das oficinas foram autores pós-modernistas, que escrevem na e sobre Amazônia.

Construiu-se um blog para propiciar interação entre professor e alunos. A interação consistiu em tirar dúvidas, expor curiosidades, auxiliar nas leituras, realizar discussões referentes à leitura, literatura, formação de leitor, tecnologias digitais, e para postar histórias, poesias de autores discutidos durante as atividades das oficinas.

A oficina foi desenvolvida em três momentos em sala de aula com duração de três aulas de 45 minutos cada e teve continuidade e acompanhamento no decorrer do ano em outros espaços de leitura, tais como bibliotecas, salas de leituras, laboratórios de informática e em casa.

No primeiro dia da oficina foram selecionados textos e o gênero crônicas, no segundo, conto e no terceiro, poesia. O tempo da oficina foi três aulas de 45 minutos cada. Os recursos utilizados foram textos impressos (cópias), porque a escola não dispunha de livros suficientes para toda a turma. Além dos textos impressos, usamos imagens por meio do projetor de dados. Para o segundo e terceiro dias, seguiu-se os mesmos roteiros e a mesma didática de trabalho, seleção, leitura, reflexão, atividades e avaliação dos momentos de leituras. A avaliação foi realizada após os procedimentos metodológicos sobre as leituras, utilizou-se como instrumento avaliativo, rodas de conversa, questionários e textos produzidos pelos alunos.. O acompanhamento dos sujeitos-leitores ocorreu por meio do blog e grupos de *WhatsApp*. Abaixo, segue a lista das crônicas utilizadas durante as oficinas. O primeiro, segundo e terceiro momentos, referem-se aos três dias de oficinas.

1ª MOMENTO- GÊNERO CRÔNICAS

- **COMPANHEIRAS - ENEIDA DE MORAES**
- **A ÚLTIMA CRÔNICA- FERNANDO SABINO**

- **EU, ETIQUETA** – CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.
- **BRINCADEIRA** – LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO
- **A ARTE DE BRINCAR** - CECÍLIA MEIRELES
- **ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE** - RACHEL DE QUEIROZ

2º MOMENTO- GÊNERO CONTO

- **A FEITICEIRA** – INGLÊS DE SOUSA
- **A CARTEIRA** – MACHADO DE ASSIS
- **MEDO** – CORA CORALINA
- **O CARVÃO PARA A LAREIRA DO DIABO** – REGINA MACHADO
- **O ASSALTO** – CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
- **O PRIMEIRO BEIJO** – CLARICE LISPECTOR

3º MOMENTO- GÊNERO POEMA

- **DE BELÉM DO PARÁ E DO BRASIL** - ENEIDA DE MORAES
- **DIÁRIO DE UM BRASILEIRO** - THIAGO DE MELLO
- **BELÉM, PARÁ, BRASIL** - EDMAR ROCHA.
- **BELÉM DO PARÁ** - FÁTIMA TELES
- **EU, O BOTO** - ANTÔNIO JURACI SIQUEIRA – BELÉM.
- **A LINHA IMAGINÁRIA** – RUY BARATA

4.6.2 Roda de leituras compartilhadas

Quando se trata de leitura literária na escola, alguns fatores são relevantes e que devem ser observados. Cosson (2016) chama a atenção para quatro deles. O primeiro tem a ver com os ditames dos programas que ditam as seleções dos textos para os fins educacionais pretendidos. O segundo, relaciona-se ao nível de leitura de acordo a série e a etapa escolar. Esses fatores determinam a linguagem adequada nos textos a serem utilizados em sala de aula. O terceiro fator, relaciona-se às condições de leitura oferecidas nas escolas, em geral não são atraentes, existem salas de leituras ou bibliotecas defasadas e com acervo escasso e as condições inadequadas para o atendimento aos alunos. O quarto fator, relaciona-se a bagagem de leituras do professor, o professor é a ponte entre o livro e o aluno, seu leitor final.

Outros elementos interessantes no texto, dependendo da intencionalidade, também podem ser ressaltados, por exemplo, interlocutores, propósito, suporte, contexto de produção e recepção. Os conhecimentos prévios dos alunos sobre o nível de leitura pode aguçar a motivação e a curiosidade do leitor, durante o texto. Outro ponto interessante foi o suporte do texto, realização da leitura no livro, orientamos os alunos a observar aspectos paratextuais, capa, texto da orelha do livro, ilustração, sinopse e outros elementos motivadores e orientadores da expectativa de leitura.

A roda de leituras compartilhadas foi iniciada com a estratégia de leitura silenciosa. Essa estratégia é vista como um modo eficiente, em seguida utilizamos a técnica leitura em voz alta, levou-se em consideração o gênero a ser lido. A leitura de poemas exige uma atenção e um esforço do leitor, o sujeito-aluno progride na leitura de acordo com o seu ritmo pessoal. O aluno atribui sentidos ao texto, há interação e é motivado pelas orientações do mediador, busca uma compreensão geral do texto, destaca pontos relevantes e estabelece relações com outras leituras lidas.

Durante a roda de leituras compartilhadas fizemos a sistematização dos textos e uma reflexão aprofundada, oportunizamos aos alunos participar com intervenções no texto. O instrumento para a avaliação foi a interação verbal a produção escrita dos alunos. Abaixo as obras lidas e discutidas em sala de aula junto com os alunos.

- **JUSTINO, O RETIRANTE - ODETTE DE BARROS MOTT (2006)**
- **O AMOR DE PEDRO POR JOÃO- TABAJARAS RUAS (1998)**
- **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS- MACHADO DE ASSIS (2004).**
- **OS MISERÁVEIS- VICTOR HUGO- (2001)**
- **BONECA VIAJANTE- FRANZ KAFKA- (2008)**
- **CLARA DOS ANJOS- LIMA BARRETO- (2014)**
- **IRACEMA – JOSÉ DE ALENCAR (2004)**
- **O CORONEL SANGRADO (CENAS DA VIDA DO AMAZONAS) - INGLÊS DE SOUSA (2003)**
- **HISTÓRIA DA VIDA DE UM PESCADOR (CENAS DA VIDA DO AMAZONAS) INGLÊS DE SOUSA (2007)**

● ÓRFÃOS DO ELDORADO- MILTON HATOUM (2008)

A experiência com leitura de obras completas foi uma experiência nova para os alunos. A importância do contato com livros, faz-se necessário para a aproximação do leitor com a obra. Além dos passos citados, realizamos uma visita à biblioteca municipal, cadastramos os alunos realizar empréstimos de livros. A experiência foi incrível, a reação dos alunos diante cada texto, os primeiros contatos com a leitura literária, desprovida do contexto gramatiquero foi importante para o desenvolvimento do aluno leitor.

4.6.3 Leituras de contos

A oficina com leituras de contos revelou-se ser um gênero adequado porque os textos selecionados são curtos e práticos, isso torna a leitura fluída. As histórias curtas chamaram a atenção dos leitores, sendo o conto uma excelente fonte de leitura para leitores iniciantes mediado pelo professor.

Inicialmente, realizamos a escolha do tema de ficção terror e mistério. Os autores selecionados foram Milton Hatoum, amazonense, escreveu “*A Cidade Ilhada*” contos maravilhosos, retratando a vida dos povos que vivem às margens do rio Amazonas e sobre os encantos e mistérios da maior floresta tropical do mundo. A leitura dos contos pelos alunos, foi realizada em casa, apenas a contação de história e discussão sobre os textos ocorreu em sala de aula. Abaixo, segue a lista com os contos selecionados.

LIVRO: A CIDADE ILHADA

AUTOR: MILTON HATOUM

GÊNERO: CONTOS DE MISTÉRIO E TERROR

MODO DE LEITURA: TEXTO IMPRESSO

SELEÇÃO DE CONTOS:

- A varanda de Eva
- Uma estrangeira da nossa rua
- Uma carta de Bancroft
- Um oriental na vastidão
- Dois poetas da província
- O adeus do comandante
- Manaus Bombaim e Palo Alto

- Dois tempos
- A casa ilhada
- Bárbara no inverno
- A ninfa do teatro Amazonas
- A natureza ri da cultura
- Encontros na península
- Dançarinos na última noite

Realizamos outro momento com a obra do autor americano *Histórias Extraordinárias* de Edgar Allan Poe, Na obra há uma sequência de contos recheados de terror e mistérios, que envolve o leitor do início ao fim, como no dito popular “um prato cheio” para os amantes do gênero. O planejamento consistiu em detalhar as características do autor, espaço, ambiente de suspense. Abaixo, detalhes da obra selecionada.

LIVRO: HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

AUTOR: EDGAR ALLAN POE

TRADUÇÃO: CLARICE LISPECTOR

GÊNERO: CONTOS DE TERROR

MODO DE LEITURA: TEXTO IMPRESSO, VIRTUAL

SELEÇÃO DE CONTOS

- O gato preto
- A máscara da morte rub
- O caso do Valdemar
- Manuscrito encontrado numa garrafa
- Enterro prematuro
- Os crimes da rua morgue
- A queda da Casa de Usher
- Os dentes de Berenice
- Nunca aposte sua cabeça com o diabo
- O duque de L’Omelete
- William Wilson
- O retrato oval

- O coração denunciador
- O diabo no campanário
- O barril de amontillado
- Metzengerstein
- Ligeia
- Deus (revelação Magnética)

4.7 Reflexões sobre a intervenção

A partir da leitura de teóricos, práticas, estratégias, relatos e abordagens de leituras, tivemos a oportunidade de ampliar os conhecimentos e ao mesmo tempo, fazer uma reavaliação da prática docente como professor de língua portuguesa do ensino básico. Para princípio de conversa, tomamos como base o texto de Soares e Mourão(2014), que escreveram sobre processos cognitivos na leitura inicial. As pesquisas revelam que a prática de leitura em sala de aula requer estratégias, ao ler um texto, o leitor desenvolve duas atividades: identificar as palavras que compõe o texto e construir significado para o que lê. Entendemos que o leitor precisa acionar um sistema de reconhecimento linguístico, o ortográfico que é a forma escrita da palavra, o fonológico refere-se a forma falada da palavra e por último o semântico que tem relação com a significação da palavra. Para a leitura fluir de maneira clara e eficiente, o leitor necessita desse sistema. No entanto, a prática do cotidiano da sala de aula, nem todos os alunos possuem as condições mínimas do domínio desse sistema, ocorre rotineiramente, a identificação de palavras de forma automatizada.

Outras colaborações sobre a prática de leitura foram colocadas por Eliane Pinto (2012), no artigo *Estratégias de leituras*, discute sobre a fundamentação teórica da leitura. Dentre as abordagens estudadas pela autora, a leitura deve ser vista como um ato de interação entre leitor e autor. O texto deixa pistas e marcas para que coloque em ação conhecimentos prévios para captar as intenções e o sentido do texto.

Nessa perspectiva, segundo Koch e Elias (2009), o leitor precisa mobilizar vários tipos de conhecimentos que se encontram armazenados na memória para poder compreender o sentido do texto. Os tipos de conhecimentos são linguísticos e abarcam os aspectos ortográficos, gramaticais e lexicais do texto. Conhecimento de mundo adquirido no dia a dia, experiências vividas se encontram armazenadas na memória. Outro conhecimento é o sociointeracionista, refere-se às formas de interação por meio da linguagem e que predispõe mais três

conhecimentos: ilocucional, comunicacional e metacognitivo. Portanto, para que o leitor possa ter compreensão do texto, necessita a imediata mobilização destes conhecimentos prévios adquiridos no decorrer de sua vivência escolar.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a passagem do ensino fundamental para o médio o aluno deveria estar nesse último nível de leitor. Para tanto, o esforço do professor de língua portuguesa não é suficiente para sanar as deficiências encontradas em sala de aula referente à leitura e também a outras situações semelhantes.

Apesar das limitações e condições de trabalho, as adversidades encontradas em sala de aula, o ensino de literatura precisa ser desenvolvido de modo cultural, condição social para vir a ser compreendida a partir da formação enquanto leitor ativo, consciente e proficiente. Não apenas um leitor passivo, mas um leitor que interfere, luta por seus ideais culturais, busca nas diferenças e frestas uma singularidade que rompe com os preconceitos culturais, linguísticos e sociais.

Fanon (2010) questiona sobre a herança do colonialismo e racismo, a construção das identidades neste contexto. A sensação de inferioridade perpassa até hoje pelas mentes daqueles que a leitura ainda não conseguiu romper com as barreiras que o aprisionam e oprime. O respeito às diferenças, diversidades ainda é uma luta diária daqueles que encaram esse fenômeno como um atraso no desenvolvimento cultural das sociedades, ver o diferente como estranho, como “ bárbaro”.

A cultura do atraso fecha em mundo particular, rejeitando toda e qualquer experiência exterior, descartando a abertura para o novo que está na/além das fronteiras. Blanchot, Foucault e Deleuze (2011) Antoine Compagnon (2010), questiona “Literatura Para Quê?” Compagnon (2012) nos deixa meio atônitos e reflexivos sobre o papel da literatura no mundo contemporâneo, onde o imediatismo, a pressa, a velocidade e a efemeridade são prioridades, como a literatura se encaixa nesse mundo de contraste e disparidades. “A literatura não tem pressa, anda na contramão do imediatismo, isso a torna diferente, essencial como os bens mais preciosos a vida, algo inegável ao ser humano” CANDIDO (2011).

A experiência de ensinar literatura na escola começa bem antes da sala de aula, o professor de literatura, deve ser um excelente leitor, todo professor precisa ser um leitor, independente de qual seja sua área de ensino, demonstrar metodologias de ensino variadas, mostrar de fato como é ser um leitor literário, segundo Compagnon (2012,p.32) “ torna-se professor aquele que não soube deixar a escola”.

Percebemos no decorrer deste trabalho que o ensino de literatura não deve estar pautado em preencher o tempo e o caderno do aluno, com assuntos sobre datas, estilos literários, nomes de autores e obras, replicando técnicas dos livros didáticos, a literatura que estamos citando, lança o leitor para o desafio da inquietude e o interroga sobre qual o seu papel na sociedade, na humanidade.

Bhabha (2010), Fanon (2010) e Compagnon (2012) constroem a teoria sobre a leitura complexa e revolucionária, fornece uma visão crítica dos discursos da literatura como construtora de sentidos, modos de representação do sujeito e do outro, dos nós, e do eles. “As fronteiras da cultura nacional estão abertas, enquanto as vozes de dissenso permanecem individuais e se fecham quando aquela cultura é ameaçada pelo dissenso coletivo...” (BHABHA, 1998, p.32). Para o mesmo autor, a fronteira é um lugar de paradoxos é um espaço híbrido e de movimentações, de tudo aquilo que é diferente, estranho. É um espaço de intensa efervescência por sua natureza, mas também, é um local de sofrimento, violência, e acima de tudo um lugar de reiniciaram da vida, local este, onde as diferenças por força natural, vivem em constante tensão e surgem o plural, o novo. A fronteira é o lugar onde as culturas se confluem, local em que passado, presente e futuro se deparam constantemente, e o que mais assusta, talvez, é que está por vir.

A consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. “O que é teoricamente inovador e politicamente crucial, é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais, e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 1998, p.19-20)

O desafio de viver com as diferenças, as diversidades não é uma questão de remapeamento ou de redefinição de espaços ou absorções por identidades diversas, mas consiste nos relacionamentos, diálogos, trânsitos, eliminação das fronteiras. Bhabha (1998) questiona o modelo de mapeamento feito pelos órgãos oficiais governamentais, afirma sobre o “re-mapeamento”, “re-definições fixas” dos lugares, o crítico não corresponde à realidade das coisas como elas são.

A fronteira é um lugar de trânsito e não deve ser visto como um fim, mas como um lugar em que inicia novas culturas, jornadas terminam, e outras se iniciam, tornando assim, um lugar de confluências, multicultural do encontro do “Nós e os Outros” (TODOROV, 2017. p. 48).

Portanto, essa perspectiva de interação sociolinguística e cultural, o ensino de literatura e leitura em sala de aula, de se pautar no respeito às diferenças, a diversidade e nas relações interculturais, que possa fortalecer a construção identitária do indivíduo ou do coletivo dentro de uma comunidade de pessoas em trânsito, capazes de conviver com o passado mas, aberto ao diálogo e aos desafios que estão por vir.

4.8 Considerações finais

O ensino de literatura consiste na relevância da formação humana e sociopolítica do sujeito enquanto ser social. A literatura é uma área de conhecimento e contribui para a formação de homens e mulheres livres, dar oportunidades para o leitor interagir e refletir sobre si, o outro e o mundo. O leitor vivencia situações de ficção, porém tem suas inspirações na realidade humana. O texto literário não passa por nós sem deixar sinais ou uma bagagem de experiências que nos marca enquanto leitores e com isso, contribui para a nossa formação humana e profissional.

O ensino de literatura e leitura de textos literários constituem para o deslocamento e o desenvolvimento em diferentes aspectos que vai desde o cultural e perpassa pelo social, político e cognitivo. Para tanto, é preciso que o texto literário seja norteador de diálogos, e volte a ocupar o centro do núcleo do ensino, que seja visto como prioridade e referência na aprendizagem e formação de bons leitores, alunos sujeitos ativos, afastando-se da passividade que os levam a mediocridade, dentro do espaço híbrido que é a escola pública e as comunidades marginalizadas, aldeias, quilombos, periferias, bairros distantes dos grandes centros urbanos, onde a coletividade se torna um fator primordial para a sobrevivência.

Dentro dessa perspectiva a pesquisa de investigação, exploração e de caráter qualitativo resultou algumas reflexões e contribuições para o ensino de literatura para a formação do sujeito leitor no ensino fundamental.

A partir dos estudos e reflexões sobre a problemática desta dissertação, os esforços de professores e da escola não tem sido suficiente para proporcionar uma formação eficiente de leitores capazes de ler e refletir sobre o texto e suas nuances, o que se torna mais preocupante quando se trata do texto literário. A escola de ensino fundamental e médio dedicam a maior parte do tempo na periodização das escolas literárias, nomes de autores e detalhes estilísticos, dessa forma não se aprofundam na essência e nas descobertas do texto.

O ensino de literatura nas Amazônias é uma proposta de ensino para formação humana, precisa ter um olhar para os estudos culturais, diversidade cultural, hibridismo e para os estudos das identidades entrecortadas. Hall (1999), acredita que as mudanças societárias impostas pelo processo de globalização, tenham gerado a fragmentação da identidade cultural e essa identidade enfatiza aspectos relacionados a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas regionais e/ou nacionais, ou seja a nação é uma representação cultural, portanto, sua composição são símbolos e representações que justificam e constituem identidades variadas.

Na leitura de narrativas literárias, o leitor é levado a viver em outros espaços daqueles que está acostumado, lugares do imaginário e da fantasia, onde terá o ensejo de vivenciar emoções novas através de histórias escritas em épocas, tempos e estilos diferentes. Os textos podem ser lidos em diferentes suportes, tablets, livros, cópias, computadores e smartphones. O mais importante é, todos tenham acesso às leituras, a escola é a única agência de leitura e espaço de acesso a bens culturais que alguns alunos possuem.

Ressaltamos que ensinar literatura não é apenas trabalhar datas, textos históricos, nomes de autores e obras classificando-os em um determinado período. Precisamos mostrar ao aluno o caráter atemporal da obra, função simbólica, propriedades da catarse de modo que o leitor possa viajar na leitura, enxergando-se em determinado momento.

Discutir o gênero, a linguagem do texto e as diferenças culturais encontradas nas narrativas, discursos e vozes é necessário para que o leitor compreenda e consiga ler nas entrelinhas. Diversificar os gêneros literários contribui para a poesia, contos, narrativas épicas e lirismo universal que perpassa pelo tempo e proporciona o prazer e desejo que o leitor se emociona com as maravilhas poéticas do autor. Com o misto de gêneros, o leitor focaliza-se sobre a égide de textos de diferentes épocas, estilos e funções, o que serve como fonte de formação e conhecimento cultural e literário, contribuindo assim, para sua formação humana e social. As estratégias de trabalho elaboradas para esta dissertação, resultou no discurso teórico-metodológico aplicado a textos de diferentes gêneros, linguagens e discursos canônicos e não canônicos, escritores da literatura menor, entre outras leituras que contribuíram para o letramento cultural.

Os resultados obtidos com a intervenção em sala de aula demonstraram que é possível alcançar os objetivos propostos pelo ensino de literatura numa perspectiva pós-colonialista, pós-modernista. O modelo de pedagógico escolhido contribuiu para o desenvolvimento do leitor esclarecido, competente, além da decodificação do texto. Percebeu-se o grau de dificuldades

que os leitores-alunos enfrentam, quais limitações o professor formador perpassa para desenvolver aulas de leituras e atividades culturais de relevância formadora. A literatura provoca, desperta emoções, flui no desenvolvimento do imaginário, deve ser evidenciada para um movimento de libertação da cegueira que emperra o aluno de ver, crescer e produzir a partir de suas capacidades através da leitura de grandes narrativas, enxergar-se como sujeito inerente e responsável pela sua transformação.

O que vemos, na maioria das vezes são aulas de literatura sequenciadas pelo livro didático, presos a padrões e cronogramas estipulados pelo currículo escolar, participações ínfimas do aluno no texto, professores trazem discursos prontos, centrados em si mesmos e seus repertórios culturais e seus discursos retóricos, condicionados a suas experiências docentes. Isso não colabora para o desenvolvimento e crescimento do aluno leitor, textos prontos, pouca voz é dada aos alunos, são silenciadas pelos discursos e explicações pautadas nos panoramas históricos, como nas caracterizações escolásticas de épocas.

Por meio do questionário e entrevista, constatamos que as expectativas dos alunos em relação à leitura e a literatura não eram favoráveis para um desenvolvimento adequado, às expectativas de leituras não correspondiam à realidade aplicada em sala de aula, as dificuldades de compreensão, passividade diante do texto, os condicionamentos de leitura, discursos monológicos, colabora para uma aula “chata” e cansativa de literatura.

A investigação revelou a falsa impressão provocada por essa forma desajustada de ensino da literatura, é possível desenvolver projetos e aulas de leituras que promovam e contribuam para a formação literária e cultural do aluno, com estratégias e situações pedagógicas eficazes e capazes de formar leitores proficientes diante de diversificados gêneros literários e discursivos. Percebemos que os alunos gostam de ler, envolvem e interagem ativamente diante do que leem, cabe ao mediador conduzir competentemente esse ato de introspecção em sala de aula.

A realização desta dissertação propôs contribuir com a escola e incentivar ao professor repensar as aulas de leitura e literatura teórico e metodologicamente, com objetivo de formar leitores competentes e proficientes. Práticas de leituras e atividades em sala de aula que possibilitem ao leitor a reflexão sobre os textos lidos e suas performances literárias, que possa se tornar prática cultural, a partir da experiência bem-sucedida em sala de aula, pela gratuidade que a leitura possibilita, pelo prazer de ler, pela curiosidade de adentrar a vida dos autores, das obras e assim, interagir com o mundo literário..

Com isso, fechamos aqui a experiência de trabalhar com a formação do leitor literário, baseado nos resultados da intervenção pedagógica em sala de aula, feitas as coletas, análises e reflexão do ensino de literatura na escola de ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares**. Papyrus Editora, 2000.
- ANA, Maria Helena Silva.; VIANA, Maria Helena da Silva. Ana Maria Machado em sala de Aula. Leitura literária e Formação do leitor. **Dissertações em Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS/ILC**. Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional. Instituto de Letras e Comunicação Universidade Federal do Pará. UFPA. 2015.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. trad. **Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Rente Gonçalves**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. **Estética da criação verbal**, v. 5, p. 3-192, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem (M. Lahud & YF Vieira, Trads.). **São Paulo, SP: Hucitec**, 1999.
- BARBOSA, João Alexandre. Entrevista do Professor João Alexandre Barbosa. **Linha D'Água**, n. 9, p. 3-22, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37148>. Acesso em: jul 2018.
- BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: **Editora Perspectiva S.A**, 1996.
- _____, Roland. O Rumor da Língua. Trad. de Mário Laranjeira. SP: **Editora Brasiliense**, 1988.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura-(Obras escolhidas; v. 1). **São Paulo: Brasiliense**, 1994.
- BECKER, B. K. Geopolítica da Amazonia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n.53, p. 71-86, 2007.
- BORDINI, Maria; DE AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Mercado Aberto, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. Sistemas de ensino sistemas de pensamento. In A Economia das Trocas Simbólicas. Tradução Sérgio Miceli et alii. SP: Perspectiva, 1999. São Paulo: **Ed. Brasiliense**. 3ª ed., 1987.
- CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos? Tradução de Nilson Moulin. SP: **Companhia das Letras**, 1993.
- CANDIDO, Antonio. Do ensaio “O direito à literatura”, no livro “Vários escritos”. 3ª ed. **Revista e ampliada**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: Linguagens. Livro didático. São Paulo: **Atual Editora**, 2002.

- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). Psicologia social: o homem em movimento (pp. 58-75), São Paulo: **Brasiliense**. 1984.
- COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário – Narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: **Global**, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. Demônio da Teoria: Literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte: **UFMG**, 2001.
- COSSON, Rildo, Letramento literário: teoria e prática. 2 ed-São Paulo: **Contexto**.2011.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix – Kafka: Por uma literatura menor. 1a Edição. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**, 2014.
- FANON, Frantz. Pele Negra, máscara brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador. **EDUFBA**. 2008.
- FOUCAULT; Michel. As formações discursivas. In: A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 2007.
- HATOUM, Milton. A cidade ilhada. **Editora Companhia das Letras**, 2009.
- HATOUM, Milton. Órfãos do Eldorado. **Editora Companhia das Letras**, 2008.
- JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: **Ática**, 1994.
- _____, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. 2ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2002.
- JÚNIOR, Benjamin Abdala. **Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX**. Ateliê Editorial, 2007.
- LANE, Silvia T. Maurer. O que é psicologia social (4 ed), São Paulo: **Brasiliense**. 1983.
- LOBATO, Sidney. A Historiografia na Amazônia do século XXI. Fronteiras do Tempo. **Revista de Culturas amazônicas**. nº 5, p. 11-26. 2014.
- MACHADO, Ana Maria. **Biografias: Livros: Cadernos de notas: Novidades: Correio**. 2011. Disponível em: <http://www.anamariamachado.com/home/>. Acesso em: 23/06/2018
- MACHADO, Ana Maria. Texturas: sobre leitura e escritos. **Nova Fronteira**, 2001.
- MIRANDA, Wander Melo. Italo Calvino ou a ficção como ensaio. In: ANAIS do 2º Congresso ABRALIC. V . 1. Belo Horizonte: **ABRALIC**, 1991. p. 535-541.
- MONTEIRO, Sara Mourão; SOARES, Magda Becker. Processos cognitivos na leitura inicial: relação entre estratégias de reconhecimento de palavras e alfabetização. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 2, 2014.
- PERLOFF, Marjorie. O gênio não original. Poesia por outros meios no novo século. Belo Horizonte: Editora da **UFMG**. 2013.

- PINTO, Eliane Machado. Estratégias de Leituras. Universidade Cruzeiro do Sul. Anais SIELP. volume 2. nº 1. **EDUFU**, 2012.
- POE, Edgar Allan. Histórias extraordinárias. Ediciones **Akal**, 2015.
- POUND, Ezra. ABC da Literatura. São Paulo: **Cultrix**, 2006.
- REIS, Arthur Cézár Ferreira. A Amazônia e a integridade do Brasil. Manaus: **Governo do Estado do Amazonas**, 1966.
- RIBEIRO, Ana Mariza. A Formação do Leitor Jovem: temas e gêneros da literatura/ Ana Mariza Ribeiro Filipouski: Diana Maria Marchi- Erechim, RS: **Edelbra**, 2009.
- SANTOS, Alcides Cardoso dos. Resenha: DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 118 p. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 24, n. 3, p. 163-165.
- SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. Editora **Alfa-Omega**, 1977.
- SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/170014670/MAGDA-SOARES-letramento-e-alfabetização>. Acesso em: 19/12/2018
- TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: **DIFEL**, 1939.
- YUNES, Eliana. Literatura e cultura: lugares desmarcados e ensino em crise. **OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER; Karl Erik (Org.). Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: **PUC-Rio**, p. 63-71, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Questionário aplicado aos alunos do 9º c ano do ensino fundamental da EMEF Maria da Glória Rodrigues Paixão

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome: _____

Idade _____ (Anos) Sexo: Masculino () Feminino ()

Série _____ (Ensino fundamental) Endereço

Nº Residencial _____ Telefone _____

2. Ler com frequência?

3. Você se considera um bom leitor?

() Sim () Não Por quê? _____

5. Quando foi feita sua última leitura?

() há mais de 1 Mês () Recentemente

() 6 meses () Mais de 1 ano

6. você dedica algum tempo a leitura? Quanto tempo você dedica a leitura na semana?

() 30min () 1h () 12hs () Mais de 4

7. Quantos livros você ler em média por ano?

() mais de 1 () 1 () Nenhum () quantos?

8. Com qual objetivo você faz leitura?

() Informação () Diversão

() Obrigação () prazer

() Curiosidade () Conhecimento () Mudança

() Outro (cite) _____

9. Você recomenda para outros colegas algum tipo de leitura ou livros?

() Sim () Não

10. Onde você adquire seu material de leitura?

- Biblioteca Banca Empréstimo
 Livraria Internet Outro

11. Qual suporte você mais utiliza para leitura?

- Livro Computador

12. Onde você mais gosta de fazer suas leituras?

- Quarto Sala Biblioteca
 Escola Praça Outro

13. Qual seu gênero de leitura preferido?

- Aventura Romance Auto ajuda
 Política Policial Poesia
 Outros Conto Crônica

14. Com qual frequência você ler outras coisas que não sejam as atividades da escola?

- Todos os dias Uma vez por semana Uma vez por mês Algumas vezes no ano

15. Já fez alguma leitura orientado (a) professor (a)?

- Sim Não

16. Que sensação, emoção a leitura causa em você?

- Curiosidade Prazer Conhecimento Emoções

17. Como você escolhe suas leituras?

- Interesse próprio Professor Amigos Família

18. Você gosta das aulas de leitura e literatura?

- Sim Não um pouco

19. Se sente motivado (a) quando seu professor faz alguma atividade relacionada à leitura literária?

- Sim Não

20. Quais os livros de Literatura você já leu?

21. Você lembra de algum livro de Literatura que tenha lhe chamado a atenção, que tenha gostado muito?

- Sim Não

Qual? _____

Justifique qualquer que tenha sido a resposta

22. Você considera a Literatura importante? Explique por quê?

23. Para você a Literatura estabelece alguma relação com a vida cotidiana?

() Sim Não()

Justifique qualquer que tenha sido a resposta.

24. Para você a escola deve dar maior destaque a leitura e a literatura? Por quê

25. Você gosta das aulas de leitura e literatura?

Justifique:

Roteiro de entrevista com os alunos

IDENTIFICAÇÃO

1.Nome: _____

Idade _____ (Anos) Sexo: Masculino () Feminino()

Série _____ (Ensino fundamental) Endereço

Nº Residencial _____ Telefone _____

1. Você teve algum incentivo à leitura? De quem foi esse incentivo?
2. Você se considera um leitor?
3. Tem lido recentemente?
4. Com que finalidade você pratica leitura (caso pratique)?
5. Já leu algum livro literário sugerido pelo professor?
6. A leitura te desperta alguma sensação? Quais?
7. Quais livros de literatura você já leu ou já ouviu comentários?
8. Você considera o ensino de leitura e literatura importante?
9. O que você sugere de mudanças nas aulas de leitura e literatura?
10. Que tipo de leitura mais te chama a atenção?

ANEXOS

ANEXO 1

Procedimentos metodológicos criados por Filipouski (2006)

PROCEDIMENTOS	DESCRIÇÃO
Abordar diferentes habilidades	O texto literário costuma suscitar boas situações para desenvolver habilidades relacionadas ao trabalho com tipos de inferência, como o humor e a ironia, além de outros subentendidos que compete ao leitor preencher, ampliando o sentido do texto. Também em relações intertextuais é importante relacionar linguagem verbal e não verbal, que possibilitam articular a palavra escrita e outras linguagens.
Propor leitura de gêneros variados	Diferentes textos literários mobilizam o desenvolvimento de variadas habilidades, daí ser importante estabelecer, em um mesmo ano letivo, familiaridade com diversos gêneros. Entretanto, mais do que saber, por exemplo, que elementos constituem uma narrativa, importa reconhecer a finalidade da organização temporal da obra lida, o efeito de sentido da ironia na comédia de costumes, ou ainda, a intencionalidade do uso de antíteses apresentadas em um poema.
Planejar leituras progressivamente mais complexas	É preciso sempre propor leituras com complexidade crescente: apresentar questões que oportunizem encontrar informações explícitas, inferir implícitos ou sentido de alguma palavra ou expressão e organizar o percurso necessário para respondê-las, localizar e indicar níveis de leitura e previsões a serem estabelecidas a partir de recursos linguísticos, de contexto ou de conhecimentos prévios sobre o gênero, compreendendo sua finalidade comunicativa. O gradativo aumento da complexidade do ato de ler apura a competência leitora e o

	<p>refinamento estético do leitor. Por isso é possível trabalhar um mesmo enfoque temático em diferentes etapas da escolaridade básica, aumentando a complexidade dos textos, das habilidades de leitura a serem desenvolvidas e recorrendo às histórias de leitura já construídas pelos leitores.</p>
<p>Apresentar bons exemplos de leitura em colaboração</p>	<p>A leitura orientada pelo professor, por sua experiência prévia de leitura e possibilidade de mediar o estreitamento do contato com a obra, através de esclarecimentos de ordem cultural ou linguística, é fundamental para que os alunos aprendam a interpretar um texto literário. Essa mediação, que pode ocorrer por explicações ou estudo de excertos críticos, de revistas ou jornais, possibilita também que os alunos se apropriem de estratégias de leitura literária que ainda não dominam e ampliem as condições de reflexão a respeito do texto, o que contribui para o crescimento individual e favorece a autonomia da competência leitora.</p>
<p>Realizar releituras</p>	<p>Após debate coletivo, é importante apresentar questões que demandem releitura, para possibilitar avaliação do que foi aprendido do texto e orientar necessidade de retomadas, verificar a compreensão dos elementos constitutivos do gênero literário lido e a relação do texto com seu contexto de produção. A releitura também possibilita ao aluno compreender a plurissignificação como características da linguagem literária, sempre aberta a novas leituras</p>

<p>Demandar leitura extensiva e espaço para discuti-la</p>	<p>As atividades que levam à ampliação da proficiência de leitura de textos mais extensos ou complexos impõem a necessidade de leitura extraclasse (contratos de leitura), regulada por tarefas (pactos de leitura). Por exemplo, o professor marca data para discutir alguns capítulos de um romance, previamente separados por extensão e unidade textual. Terminado o prazo concedido, é preciso levantar aspectos sobre os recursos utilizados e os efeitos de sentido produzidos, estimular relação entre segmentos para compreendê-los, etc. Ao final, promove socialização dos aspectos priorizados e explicita os procedimentos de leitura utilizados para compreender o texto em sua globalidade.</p>
<p>Oportunizar leitura individual supervisionada</p>	<p>A leitura colaborativa ou em pequenos grupos é importante recurso para o trabalho com literatura em classe. Entretanto, especialmente quando a intenção é apresentar algum aspecto novo de abordagem, também é preciso estimular a leitura individual supervisionada, pois é uma forma relevante de entrar em contato com texto escritos, favorece a autonomia leitora, exercita a habilidade de inferir informações implícitas e de relacionar diferentes textos para ampliar a compreensão do contexto em que foi produzido.</p>
<p>Estimular a leitura recreativa por meio de contratos de leitura</p>	<p>Os alunos precisam ter liberdade para escolher alguns dos textos que querem ler, o que oportuniza exercitarem o gosto pessoal, comportamento característico de leitores proficientes. Para oferecer sugestões atraentes e adequadas, a parceria com a bibliotecária escolar é fundamental. Ao professor cabe elaborar listas com indicações, permitindo o acréscimo de títulos do interesse dos alunos que sejam adequados à situação de leitura pretendida. Assim, estimula a construção da história</p>

	<p>peçoal de leitura, fortalecendo também o hábito de socializar as experiências de leitura.</p>
<p>Promover momentos de síntese das aprendizagens</p>	<p>Ao final de cada unidade de trabalho, para favorecer a construção de uma história de leitor e dar conta do conhecimento acumulado em literatura, preciso elaborar, com a colaboração dos alunos, linhas de tempo, comparações, debates em grupo, exposições, painéis, etc., em que os textos estudados sejam colocados lado a lado com outras experiências constitutivas da cultura e, através da atribuição de sentidos dada a eles, seja possível consolidar a história de leitor. A observação do funcionamento dos conceitos estruturantes da disciplina, a saber: tradição e ruptura, estranhamento e intertextualidade, deve estar sempre presente nesses momentos de sistematização e síntese.</p>

Fonte: Filipouski (2006).